

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE CONSTRUÇÃO CIVIL
CURSO SUPERIOR DE ENGENHARIA CIVIL**

PEDRO HENRIQUE FERRAZ

**A DETERMINAÇÃO SOCIAL DA OCORRÊNCIA DO BURNOUT NOS
UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CURITIBA
2022**

PEDRO HENRIQUE FERRAZ

**A DETERMINAÇÃO SOCIAL DA OCORRÊNCIA DO BURNOUT NOS
UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS**

**The social determination of Burnout Syndrome in brazilian college
students**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
Orientador: Armenes de Jesus Ramos Júnior

CURITIBA

2022



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Esta licença permite download e compartilhamento do trabalho desde que sejam atribuídos créditos ao autor, Sem a possibilidade de alterá-lo ou utilizá-lo para fins comerciais.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra, não são cobertos pela licença.

A DETERMINAÇÃO SOCIAL DA OCORRÊNCIA DO BURNOUT NOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
Orientador: Armenes de Jesus Ramos Júnior.

Data de aprovação: 14 de Junho de 2022

Armenes de Jesus Ramos Júnior

Doutorado

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR - Campus Curitiba

Alysson Eduardo de Carvalho Aquino

Doutorado

Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO - Campus Irati

Sérgio Paes De Barros

Doutorado

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR - Campus Pato Branco

June Maria Passos Rezende

Doutorado

Pesquisadora Independente

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à minha família: mãe (Fábia), pai (Osnerly), irmã (Mariana), avó (Edenir), tia (Fabiane), tio (Erli) e primo (Antônio), que sempre estiveram ao meu lado me apoiando em minhas decisões e escolhas. Agradecimento este que deve ser especial à minha mãe, que sempre me incentivou nos meus estudos. À minha namorada Letícia, que esteve me acompanhando na reta final desse trabalho, pelo apoio dado e pelo entendimento das distâncias momentâneas que nos afetam.

Acompanho minha gratidão também com um pedido de desculpas pelas minhas constantes faltas no nosso cotidiano, familiar e de namoro.

Agradeço também aos amigos da minha cidade nativa, que sempre estiveram disponíveis nos momentos turvos para trazer descontração e diversão. Não poderia deixar de citar o Lucas Kulcheski, Vinícius Moraes, Mateus (Macarrão), Guilherme Garcia, João Verenka, Douglas Santos, Gabriel (Passarinho), Gustavo Camargo, Wallace Oliveira, Luara Tizot e Natália Mattioli.

Não deixaria de agradecer também aos meus amigos de trabalho e de curso, Náthali, Ricardo, Mirela, Gilmara, Carol, Maria, Gabriel Dágola e Romfeld, Lucas e Jorge que acompanharam toda minha conclusão de curso.

Agradeço por fim à UTFPR, pelos bons anos e por todo o conhecimento passado. Agradeço aos professores e em especial ao professor Armenes, que com certeza levo como um amigo. Que o ensino público e de qualidade sempre seja defendido e acessível para todos!

*“Que o teu trabalho seja perfeito para que,
mesmo depois da tua morte, ele permaneça.”*

Leonardo da Vinci

RESUMO

Vivemos na transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho. Essa fase do desenvolvimento do capitalismo amplia cada vez mais o sofrimento causado pelo trabalho e leva as pessoas cada vez mais cedo ao cansaço e extenuação, causando doenças como o *Burnout*. Buscou-se neste estudo, compreender as causas e determinações da ocorrência da Síndrome de *Burnout* nos estudantes universitários do Brasil. Partimos de uma análise filosófica, depois procuramos fazer um cotejamento entre a análise teórica da Determinação Social do Processo Saúde-Doença e as pesquisas empíricas sobre *Burnout* em universitários brasileiros. Constatamos uma série de determinantes que buscam explicar esse adoecimento e também a ausência na análise desses determinantes de uma teoria geral, evidenciado na ausência de conceitos como raça e renda na investigação empírica.

Palavras-chave: *Burnout*. Sociedade do desempenho. Sociedade do cansaço. Universitários brasileiros. Determinação Social.

ABSTRACT

We're living in the transition from a disciplinar society to an accomplishment one. This capitalist development moment increases the suffering caused by the working routine, exhausting people even earlier and causing diseases like Burnout. This article has the intention of understanding the causes and the determinations of Burnout in college students from Brazil. We started from a philosophic analysis, then we looked for connections with the Social Determination of Health-Disease theory and the empiric Brazilian Burnout articles. We found a lot of determinants that try to explain these illnesses and also an absence in the analysis of these determinants in a general theory, evinced in the non-attendance of concepts like incomes and breed on the empiric investigation.

Keywords: Burnout. Accomplishment society. Productivity. College. College students. Emotional distress.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Linha do tempo dos acidentes de trabalho ao longo dos anos.....	36
Figura 02 - Tirinha que mostra a “felicidade” dos estudantes no início e no final do curso, nota-se um desconhecido nas fases intermediárias.....	63
Figura 03 - Fluxo de instauração da Síndrome de Burnout no estudante universitário.....	66
Figura 04 - Fatores Sociodemográficos observados na incidência do Burnout universitário.....	67
Figura 05 - Fatores Preditivos observados na incidência do Burnout universitário.....	68
Figura 06 - Fatores Desenvolvidos e/ou Desencadeadores observados na incidência do Burnout universitário.....	71
Figura 07 - Reflexos deixados no estudante acometido pelo Burnout universitário.....	72
Figura 08 - Árvore Se FerRamos, esquema que busca indicar os fatores associados à Síndrome de Burnout universitária.....	73
Figura 09 - Árvore Se FerRamos com a sugestão teórica, pautada em Laurell, de influência da renda na vida do estudante.....	74
Figura 10 - Charge representativa da situação meritocrática universitária nacional.....	77
Gráfico 01 - Evolução da quantidade de auxílio-acidente solicitados entre 2006 e 2020.....	39
Gráfico 02 - Evolução da quantidade de auxílio-acidente associados a transtornos mentais solicitados entre 2006 e 2020.....	39
Gráfico 03 - Evolução da representatividade dos auxílios-acidente associados a transtornos mentais entre 2006 e 2020.....	40
Gráfico 04 - Evolução dos relatos de dificuldade emocional nos relatórios FONAPRACE.....	43
Gráfico 05 - Evolução da representatividade dos relatos de dificuldade emocional nos relatórios FONAPRACE.....	43
Gráfico 06 - Taxas de exaustão emocional nos estudantes.....	55
Gráfico 07 - A evolução temporal dos casos de Burnout identificados nos estudos do quadro 10.....	61
Quadro 01 - Evolução das causas de mortes gerais no México entre 1940 e 1970.....	26
Quadro 02 - Principais causas de mortalidade geral no México, Cuba e Estados Unidos em 1972.....	27
Quadro 03 - Comparação de taxas de mortalidade por causas específicas em homens, nos Estados Unidos e Cuba, em 1972.....	30
Quadro 04 - Proporção do número de mortes entre pessoas cobertas por seguro de vida privada e pessoas que utilizam o serviço público de saúde mexicano, 1972.....	31
Quadro 05 - Razão padronizada de mortalidade em homens e mulheres casados de 15 a 64 anos, na Inglaterra e País de Gales, entre 1970 e 1972.....	32
Quadro 06 - Razão padronizada de mortalidade em homens e mulheres casados de 15 a 64 anos, na Inglaterra e País de Gales, entre 1970 e 1972.....	33
Quadro 07 - Número total de auxílios-acidentários solicitados, número correspondente de auxílios-acidentários relacionados a transtornos mentais e comportamentais e representatividade dos auxílios-acidentários relacionados a transtornos mentais e comportamentais com relação ao total.....	38
Quadro 08 - Diferença estatística entre os anos de 2019 e 2020, causada pela subnotificação pandêmica das solicitações de auxílios-acidentários em 2020.....	38

Quadro 09 - Evolução da representatividade dos estudantes que sofreram com dificuldades emocionais nos relatórios FONAPRACE.....	42
Quadro 10 - Estudos nacionais do Burnout e suas representatividades numéricas.....	46
Quadro 11 - Categorização do maioria universitária acometida pelo Burnout nos respectivos estudos.....	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Objetivos	11
1.1.1. Objetivo Geral	11
1.1.2. Objetivos Específicos	11
1.2. Justificativa	11
1.3. Metodologia	14
2. BREVE OLHAR FILOSÓFICO SOBRE A SOCIEDADE DO BURNOUT	15
2.1. Sociedade disciplinar x sociedade do desempenho	15
2.2. A sociedade do cansaço	17
2.3. A liberdade paradoxal e a saúde mental	19
2.4. Críticas à análise de Byung-Chul Han	21
3. TEORIA DA DETERMINAÇÃO SOCIAL DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA	24
3.1. “A saúde-doença como processo social”	24
3.2. Interface da saúde no trabalho entre os séculos XIX, XX e XXI	34
4. O BURNOUT E A PESQUISA CIENTÍFICA NO BRASIL.	41
4.1. Burnout: uma revisão bibliográfica segundo Maslach e Jackson	41
4.2. Burnout: uma associação científica com o estudante universitário	42
4.3. <i>Burnout</i> : resultados nacionais do <i>Burnout</i> em estudantes	44
5. ANÁLISE E COTEJAMENTO ENTRE ACHADOS EMPÍRICOS E A TEORIA DA DETERMINAÇÃO SOCIAL DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA.	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
7. REFERÊNCIAS	80

1. INTRODUÇÃO

O ano é 2022, a globalização se acelera cada dia mais, já saímos da revolução industrial e entramos em uma revolução digital, onde o mais rápido, o melhor informado, o melhor preparado possui vantagem acima dos outros. A Sociedade Disciplinar de Foucault dá lugar à uma Sociedade do Desempenho de Byung-Chul Han - filósofo ensaísta contemporâneo sul-coreano - onde tudo acontece em função do resultado.

Essa constante busca pelo resultado, faz com que surjam diversos autores e obras sobre a psicologia positiva. Tal área trata de maneira mais otimista as diversas situações do dia a dia, com o objetivo de tirar um pouco o foco das patologias mentais e o trazendo para a função da felicidade.

Algumas obras desse gênero ainda possuem um enfoque profissional, trazendo à tona o “eu-empresa”, método onde o leitor se sente como diretor de si mesmo, ele é responsável por suas atitudes e resultados. Tal visualização desmantela a antiga figura externa do supervisor e traz essa figura para dentro de quem lê.

Esse excesso de cargas, negativas e positivas, faz com que vivamos em uma geração mentalmente adoecida, com o surgimento até mesmo de patologias modernas (TDAH, depressão e, aqui estudada, Síndrome de *Burnout*.)

Buscando o foco para o *Burnout*, nota-se um movimento de associação da Síndrome também nas classes universitárias e não mais somente nas classes trabalhadoras. Tal ocorrência pode se dar pela constante aproximação do estudante como um trabalhador em potencial.

Associada a isso, encontra-se relevância teórica-prática na observação da Determinação Social do Processo Saúde-doença, Laurell (1982), para explicar as diferentes interfaces dos estudantes com as questões meritocracia, trabalho, universidade e saúde.

O seguinte trabalho objetifica-se, a partir do capítulo “**BREVE OLHAR FILOSÓFICO SOBRE A SOCIEDADE DO BURNOUT**” em trazer uma observação ao ensaísta sul-coreano Byung Chul-Han, motivo principal da atração do autor ao tema, mostrando suas visões e diálogos sobre a “sociedade pós-moderna”, no

capítulo intitulado “**SOCIEDADE DO CANSAÇO**”, complementado pelo capítulo “**A LIBERDADE PARADOXAL E A SAÚDE MENTAL**”.

Visando expor a análise crítica do ensaio, vai-se de encontro ao capítulo “**CRÍTICAS À ANÁLISE DE BYUNG-CHUL HAN**” onde, pautados no livro “¿Por qué (no) leer a Byung-Chul Han?”, buscamos as críticas ao ensaio e reforçamos a necessidade de uma base teórica consolidada.

Mostrada a origem da ideia e executada a crítica, parte-se para o referencial teórico, a partir do capítulo “**TEORIA DA DETERMINAÇÃO SOCIAL DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA**”. Inicialmente, escreve-se o capítulo “**A SAÚDE DOENÇA COMO PROCESSO SOCIAL**”, onde objetiva-se analisar as interferências da composição social do processo saúde-doença, evidenciadas, principalmente, pelos fatores renda e classe social.

Como complemento a Laurell, estuda-se Antunes & Praun, a fim de entender a interface da saúde no trabalho entre os séculos XIX, XX e XXI, exposto no capítulo “**A INTERFACE DA SAÚDE NO TRABALHO ENTRE OS SÉCULO XIX, XX E XXI**”.

Tais trechos são essenciais para a observação da tendência ao adoecimento mental do trabalhador moderno. Buscando um centro para a atenção do estudo, foca-se na análise da Síndrome de *Burnout* no estudante universitário no Brasil, pelo capítulo “**O BURNOUT UNIVERSITÁRIO E A PESQUISA CIENTÍFICA NO BRASIL**”.

Inicialmente, faz-se necessário entender a origem da Síndrome e suas causas principais, no capítulo “**BURNOUT: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SEGUNDO MASLACH E JACKSON**” é explicado o *Burnout* de maneira mais sucinta. Posteriormente, nos capítulos “**BURNOUT: UMA ASSOCIAÇÃO CIENTÍFICA COM O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO**” e “**BURNOUT: RESULTADOS NACIONAIS DO BURNOUT EM ESTUDANTES**” são analisadas estatísticas gerais e específicas do adoecimento psicológico dos estudantes universitários no âmbito nacional. Ao longo da realização da obra, foram alteradas questões de ordem dos capítulos, a fim de trazer mais clareza, objetividade e cronologia na leitura e na apresentação.

Por fim, no capítulo “**ANÁLISE E COTEJAMENTO ENTRE ACHADOS EMPÍRICOS E A TEORIA DA DETERMINAÇÃO SOCIAL DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA**” e nas “**CONSIDERAÇÕES FINAIS**” se encontra o coração do trabalho como a indicação da necessidade de abordar o *Burnout* universitário como uma pauta social, não determinada somente por uma simples representatividade, mas por uma associação de toda a origem social do estudante que sofre com a Síndrome.

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo Geral

Analisar as determinações responsáveis pela incidência da Síndrome de Burnout nos estudantes universitários do Brasil, correlacionando com os conceitos da Sociedade do Desempenho.

1.1.2. Objetivos Específicos

- Observar breves diferenças na saúde do trabalhador refletidas por mudanças históricas temporais;
- Organizar as pesquisas de Burnout em acadêmicos, buscando padrões que possam apontar as cargas principais;
- Buscar correlações entre a Teoria da Determinação Social da saúde-doença segundo Laurell e as pesquisas que analisam o Burnout entre acadêmicos do Brasil.

1.2. Justificativa

O aumento do sofrimento mental causado pelo trabalho vem sendo percebido nas estatísticas internacionais do século XXI. Segundo a OMS, durante o primeiro ano de pandemia de COVID-19, os casos de depressão e ansiedade aumentaram sua incidência em 25% (OPAS, 2022). A abrangência mundial de fenômenos novos, como a Síndrome de Burnout, foi deixando de ser relativo apenas a certas categorias profissionais, como profissionais da saúde, da educação e da assistência social e se expandindo para outras categorias, engenheiros, bancários e agentes de telemarketing.

Entre a conclusão do TCC-1 (dezembro de 2021) e a elaboração do TCC-2 (primeiro semestre de 2022) a OMS inscreveu o Burnout como doença relacionada ao trabalho na 11ª revisão da Classificação Internacional de Doenças, CID-11 (OMS, 2022). A partir de tal inscrição, oficializa-se e traz a visão de um assunto que já mostrava crescente magnitude na literatura científica.

Se o Burnout se espalhando por outras categorias profissionais já demonstrava fenômeno recente, entre estudantes, ou seja, profissionais em formação, o caso é ainda mais atual e alarmante.

Com base nessa percepção, entendemos a importância e relevância social da pesquisa em tela, buscando identificar as causas, determinações, bem como medidas de defesa da saúde e da vida presentes nesse processo de adoecimento dos estudantes universitários do Brasil.

De acordo com a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES (FONAPRACE, 2018), cerca de 83,5% dos estudantes das instituições federais passaram por problemas emocionais durante o ano anterior à pesquisa. Tendo como referência esse dado, nota-se um notável adoecimento psíquico da população universitária no Brasil, tal adoecimento que reflete nas notas, na frequência de aparecimento nas aulas, no cansaço dos alunos e, em alguns casos, até mesmo na desistência da graduação.

Para entender esses dados, faz-se necessário compreender também o contexto do tempo em que se vive. Nos dias de hoje, os estudantes estão inseridos em um mercado cada vez mais competitivo e feroz, a velocidade de recebimento das informações ultrapassa a velocidade de absorção dessas. A produção de bens materiais acelera da mesma maneira e o desenvolvimento exige que o desempenho humano alterado e acelerado pela tecnologia se torne um ponto chave no século XXI.

No campo filosófico percebemos *insights* que procuram perceber os novos fenômenos. Como característico do século XXI temos o filósofo sul-coreano, radicado na Alemanha, Byung Chul-Han que aponta essa sociedade como sendo determinada pelo signo do cansaço. Desse modo, faz com que os sujeitos esgotem-se de si mesmos, trazendo junto dessa exaustão patologias como TDAH, Síndrome de *Burnout*, depressão, ansiedade e outros problemas. (HAN, 2021)

Segundo Han, a produção atual envolve ainda uma nova maneira de exploração. Enquanto, nos séculos anteriores, observava-se uma forte figura externa do patrão como aquele que manda, fiscaliza e supervisiona, hoje em dia - para o alto escalão social - essa figura desaparece, o próprio sujeito é responsável por fiscalizar sua produção. Tal fato, segundo Han, é muito mais eficiente do que a supervisão externa, pois elabora uma falsa sensação de liberdade naqueles que estão inseridos nesses parâmetros. Desse modo, observa-se na sociedade do desempenho uma internalização da disciplina, montando um ambiente super produtivo e psicologicamente doente.

Trazendo a visão para a construção civil podemos observar que o acadêmico de engenharia possui uma carga neural de alto nível dentro da sua formação, visto as

disparidades do setor. Ao longo dos anos muitas indústrias e processos evoluíram, mas na construção civil a mão-de-obra ainda pode ser considerada majoritariamente braçal. Os processos de gestão de tempo, qualidade, projetos e de execução constantemente sofrem mudanças, entretanto no final do dia quem levanta cada laje da obra é o funcionário pobre que recebe 10 reais por hora trabalhada.

Tal disparidade técnica faz com que a evolução do setor ocorra sempre no alto escalão intelectual. Não se substitui o trabalhador que levanta uma parede de tijolos por uma máquina que faça aquilo automaticamente, mas sim se encontra uma maneira de achar um cronograma, uma disposição de equipe, uma disposição de canteiro ou um projeto de modulação de alvenaria que facilite a forma como aquela pessoa executa. Essa gestão técnica de melhoria passa pela figura do engenheiro.

Além da gestão técnica, o engenheiro também precisa gerir a equipe, entendendo que entregar a obra também significa organizar uma equipe de maneira suficientemente boa. Autogestão de melhoria, gestão de equipe e multitarefamento são estressores vivenciados diariamente por engenheiros. Para os graduandos na engenharia, adiciona-se à receita o fator “universidade”, que leva à observação de ainda mais chances de se chegar num *Burnout*. No artigo “O papel do engenheiro civil como gestor de pessoas em obras: Um estudo de caso” (Duarte e colaboradores, 2019) os autores mostram alguns desses aspectos e papéis ocupados por profissionais de engenharia.

Partindo dessas primeiras percepções sobre o Burnout em universitários no Brasil e de uma abordagem filosófica que busca explicar as suas causas, entendemos como justificada a necessidade de buscarmos uma explicação teórica e uma aproximação científica para o problema em tela. Desse modo, a pesquisa atual pretendeu traçar um primeiro esboço entre a relação de uma matriz teórica que busca explicar a relação entre trabalho, saúde e sociedade (Determinação Social do Processo Saúde Doença, da Medicina Social Latino Americana - Laurell, 1982) e as pesquisas científicas de tipo mais empírico produzidas no Brasil sobre o Burnout em estudantes universitários.

Cientes dos limites de tempo e de profundidade cabíveis em um trabalho desse nível de formação acadêmica, pretendemos que essa pesquisa contribua como instrumento de interpretação da realidade concreta de estudantes universitários e de base para estudos mais aprofundados em pós-graduação.

1.3. Metodologia

O trabalho em questão possui como metodologias de pesquisa a Pesquisa Exploratória, que visou o levantamento de informações com o objetivo de melhoramento do conhecimento de área e de uma formulação mais assertiva de hipóteses e problemas e a Pesquisa Bibliográfica, a partir da busca - em diferentes autores e artigos - de argumentos e informações, buscando um diálogo entre tais.

No que tange à coleta de dados, o seguinte trabalho teve uma documentação indireta, com pesquisas documentais e bibliográficas.

Para as análises, foram feitas com caráter qualitativo, a fim de se encontrar padrões e resultados comuns nos diferentes artigos observados.

Os artigos foram selecionados a partir de pesquisas dentro do “*Scholar Google*” e as palavras-chave utilizadas para seu encontro foram: “*Burnout*”, “Estudantes”, “Universitários”, “Dificuldade Emocional”, “Engenharia” e “Tecnologia”.

Para a elaboração dos gráficos foi utilizado o *software* “Excel” e para a elaboração dos quadros foi utilizado o próprio recurso do “*Google Documentos*”.

Notaram-se também algumas dificuldades ao longo da realização do projeto, que deixaram o processo ainda mais interessante, como:

- Área de pesquisa alheia à área de graduação;
- Pouco tempo (menos de 1 ano, considerando semestre reduzido e semestre “convencional”) para a realização do trabalho;
- Precariedade dos métodos de pesquisa, trazendo hipóteses mais rasas;
- Precariedade de resultados nas áreas da Engenharia Civil, sendo necessária a busca pelo *Burnout* em outras áreas.

2. BREVE OLHAR FILOSÓFICO SOBRE A SOCIEDADE DO BURNOUT

2.1 Sociedade disciplinar x sociedade do desempenho

Iniciaremos esse trabalho expondo a forma como o tema chegou a capturar a nossa atenção e foco, a filosofia de Han sobre o tempo presente, suas dores e cansaços. A leitura filosófica teve o poder de pautar a nossa pesquisa e será exposta em suas linhas gerais.

Anterior à sociedade do desempenho moderna de Han encontra-se a sociedade disciplinar de Michel Foucault. De acordo com o francês, tal sociedade é pautada na obtenção de hábitos que se tornam normas sociais. No Brasil, podemos encontrar essa lógica de Foucault nos lugares onde observa-se a incidência vigilante: manicômios, fábricas, prisões, escolas e hospitais.

Em sua obra “Vigiar e Punir” (Foucault, 1975), o filósofo francês busca uma apresentação de como o não cumprimento das normas na sociedade disciplinar leva à necessidade de uma punição. Em juízo à Foucault, o par vigiar-punir é uma relação indispensável para a fixação dos indivíduos no aparelho de produção. Ou seja, a normalização é uma exigência da emergência do capitalismo industrial com a finalidade de padronizar as questões econômicas e sociais.

Sabot (2017), em sua análise da sociedade disciplinar, enfatiza ainda a integração do indivíduo ao sistema de produção. Desse modo, a ênfase disciplinar possui a finalidade de transformar a força corporal em força de trabalho e ainda de integrar essa força de trabalho a um sistema produtivo.

Han (2017), pontua ainda que tal sociedade é habitada por muita negatividade. Toda ela é regida pela proibição, enquanto os deveres são regidos pela coerção. Desse modo, quem estiver fora das normas deverá ser corrigido e readequado.

Porém, o sul-coreano afirma que a sociedade disciplinar não é mais suficiente para descrever o século XXI. Já foi dado o início a uma sociedade pós-moderna, uma verdadeira sociedade do desempenho. Os muros disciplinares vão sendo derrubados e uma ascensão positivista vai sendo anunciada. Tal mudança não afeta somente a organização social, mas também a organização dos indivíduos. Encontra-se em alta o sujeito do desempenho, mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência, visto que possui, sem a necessidade de uma supervisão externa, o desejo de maximizar a produção.

Não é mais necessário coagir ou impor regras para adequar as pessoas ao

sistema capitalista, elas mesmas são responsáveis por essa adequação. A libertação da positividade disciplinar também dá lugar à positividade do desempenho. A psicologia positiva até sugere que se deve despertar o seu diretor interior, com a finalidade de realizar de maneira mais eficiente suas atividades diárias.

Corbanezi (2018), evidencia em sua resenha do livro “Sociedade do Cansaço” o slogan “yes, we can”, utilizado pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, como uma maneira precisa de expressar o excesso de positividade atual. Corbanezi reforça ainda que o discurso disciplinar criativo da sociedade sugerido por Foucault (“tu deves”) dá lugar a um discurso neoliberal imperativo (“nós podemos”).

Desse modo, nota-se no ensaio “Sociedade do Cansaço” um sujeito livre de qualquer domínio exploratório externo. Ele é o seu próprio diretor. “Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência.” (HAN, 2015, p. 29).

A visão da não submissão pode passar uma sugestão de liberdade. Entretanto, de acordo com Han, isso não ocorre. É nesse momento em que liberdade e coerção coincidem, o sujeito do desempenho é coercitivamente livre para maximizar o seu próprio desempenho. Ele é o único responsável por alcançar os seus objetivos, nem que isso exija uma autoexploração.

Essa autoexploração proposta por Han, cria um sujeito que não consegue enxergar o final das atividades. Não existe um ponto de repouso ou de gratificação, momento onde a pessoa desliga e contempla suas realizações, a superação pessoal deve ser constante e só é travada pelo colapso psíquico, momento onde o sujeito se esgota completamente.

“O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem.” (HAN, 2015, p.86).

A reconfiguração social do trabalho também faz com que apareça uma mudança da maneira como a saúde do trabalhador é atingida ao longo dos anos, impulsionada por mudanças comportamentais internas e também mudanças corporativas externas.

2.2 A sociedade do cansaço

A Sociedade do Cansaço, sugerida por Byung Chul-Han em sua obra “Sociedade do Cansaço”, é uma sociedade ativa, a todo momento seus habitantes estão sujeitos à informações, notícias, propagandas e micro-estímulos. Trata-se de um ambiente regido por algoritmos, onde os viventes são sempre vistos como consumidores e a eles são apresentadas sugestões de conteúdo com base em seus interesses próprios. Desse modo, torna-se uma sociedade extremamente manipulável e alienada.

A atividade relacionada à sociedade do cansaço nada mais é que uma constante busca pelo desempenho. Dentro dessa busca pelo desempenho, até mesmo o *doping* se torna uma opção. Conforme indica o autor, a própria palavra “*doping cerebral*” é substituída pelo termo “*neuro-enhancement*” (aprimoramento cerebral).

A dopagem neural não se assemelha com a dopagem que se vê nos esportes, principalmente no que tange à permissibilidade. A dopagem na busca pelo desempenho pessoal é permitida e, conforme sugere o sul-coreano, até indicada por especialistas. O argumento para a defesa do uso parte da ideia de que se tais substâncias para o *neuro-enhancement* melhoram o desempenho, seria até irresponsável não utilizá-las.

No livro Sociedade do Cansaço, Han encontra uma analogia na medicina ao sugerir que: um médico “dopado” opera de maneira mais concentrada, erra menos e salva mais vidas. Seguindo a mesma linha de raciocínio do autor, supõe-se que um engenheiro estrutural “dopado” calcula de maneira mais concentrada, assertiva e com maior segurança para o seu projeto. A ironia se encontra na percepção de que esse raciocínio pode ser aplicado em qualquer atividade.

“O *doping* não passa de uma consequência dessa evolução na qual a própria *vitalidade*, que é constituída por um fenômeno bastante complexo, é reduzida a uma função vital e um desempenho vital.” (HAN, 2010, p. 70, grifo do autor).

A alteração de termos “*doping cerebral*” para “*neuro-enhancement*” é outra característica dessa sociedade: a constante busca pela positividade. Até porque as palavras que sugerem um aprimoramento do cérebro tornam-se muito mais atrativas do que as que sugerem uma dopagem.

Segundo Han, essa busca indica a incidência de uma sociedade regida pela desoneração de toda forma de negatividade. A psicologia passa da esfera do sofrimento para a esfera positivista, preocupando-se com o bem-estar, a felicidade e o otimismo, tudo em prol do desempenho. Em sua obra “Sociedade Paliativa: A dor hoje” o autor evidencia ainda que até mesmo as experiências traumáticas se transformam em catalisadores para o aumento do desempenho.

“O treino de resiliência como treino de resistência espiritual tem de formar, a partir do ser humano, um sujeito de desempenho permanentemente feliz, o mais insensível à dor possível.” (HAN, 2021, p. 12)

No capítulo “Ausência de sentido da dor”, Han indica que uma marca fundamental da sociedade paliativa é a percepção do desprovemento de sentido da dor, visto que cada vez mais se criam barreiras imunológicas. Para a dor de cabeça se tem os analgésicos, para o sono se tem os energéticos, para o desânimo se tem os micro estímulos das redes sociais, para a política se tem a “falta de alternativa”, entre outros paliativos.

Observa-se então que a Sociedade do Cansaço nada mais é que uma intensa busca pelo desempenho associada à negação da dor e ao aprimoramento pessoal. Uma verdadeira Sociedade do Desempenho, onde seus habitantes se sentem livres para produzir e crescer, sem a necessidade de uma figura externa trazendo à tona as demandas.

De acordo com Han, a alta valorização aplicada ao excesso de trabalho e de desempenho transforma-se em uma “autoexploração”. Uma exploração intrínseca é muito mais eficiente que uma externa, visto que anda lado a lado com uma falsa sensação de liberdade. Essa falsa sensação, denominada por Han como “liberdade paradoxal”, faz com que o explorador e o explorado não possam mais ser distinguidos, visto que habitam o mesmo corpo.

Han ainda sugere que, toda liberdade paradoxal transforma-se em violência neuronal nos indivíduos que a sofrem. “Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal.” (HAN, 2010, p. 30).

Nota-se então, uma forte correlação entre a liberdade paradoxal e a saúde mental dos sujeitos de desempenho.

2.3 A liberdade paradoxal e a saúde mental

A liberdade paradoxal como característica principal da sociedade atual, é sugerida por Han (2017) como uma eficiente maneira de otimizar o desempenho. Dentro dessa liberdade, o indivíduo do desempenho torna-se incapaz de distinguir o explorador do explorado. À ele tudo é possível, tudo é alcançável. Desse modo, não conseguir “tudo” torna-se um fracasso, já que todas as coisas estão dentro do alcance do esforço individual.

Tal liberdade é muito mais poderosa que a coerção dos séculos passados, visto que traz ao indivíduo uma sensação de realização e auto superação constantes, mesmo que essa auto superação tenha como custo a própria auto superação. (CORBANEZI, 2018).

A liberdade paradoxal está altamente atrelada às atividades, desse modo faz com que o sujeito do desempenho possua uma constante vontade de ser ativo, sempre buscando maneiras de ocupar o seu tempo e sua mente com algo produtivo. Por esse motivo, estar entediado, inativo, é um problema. Alguém entediado é desinteressante. “Em nenhum outro tempo os ativos, isto é, os intranquilos, valeram tanto.” (NIETZSCHE, 1878, p. 117). Prova disso é o *multitasking* (multi tarefamento), ato que descreve o fazer simultâneo de várias atividades que, segundo Han, é característico do homem pós-moderno.

Em sua obra “Humano, demasiado humano”, Nietzsche ainda busca tranquilizar o indivíduo contemplativo, “entendiado”. “Mas desde já o indivíduo que é tranquilo e constante de cabeça e de coração tem o direito de acreditar que possui não apenas um bom temperamento, mas uma virtude de utilidade geral, e que, ao preservar essa virtude, está mesmo realizando uma tarefa superior.” (NIETZSCHE, 1878, p. 117)

O sujeito do desempenho nunca está imerso contemplativamente no momento em que vive. Está almoçando e pensando na foto que irá postar em sua rede social, está trabalhando e pensando no “sextou” daquela semana, está estudando e pensando na série que irá assistir ao finalizar suas obrigações. Ao mesmo tempo, está pensando em todas as maneiras de melhorar sua produção nas atividades que faz. Nunca está satisfeito. Está paradoxalmente livre e disposto a alcançar aquilo que nem mesmo sua realidade é capaz de oferecer.

Segundo Han (2017), todo esse abuso de liberdade na busca pelo desempenho produz indivíduos depressivos e fracassados. Observa-se uma sociedade psicologicamente doente onde transtornos de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de *Burnout* (SB) se tornam comuns, todos frutos de uma constante violência neuronal.

A violência neuronal, de acordo com o sul-coreano, tornou-se parte do sistema. Os sujeitos de desempenho, com seu excesso de positividade, não possuem mais barreiras imunológicas para se defender dessa agressão. Desse modo, estão sempre sujeitos aos mesmos estímulos externos, até chegarem à exaustão máxima.

“Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso de igual. O *hiper* da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma *massificação do positivo*.” (HAN, 2015, p. 21, grifo do autor).

Ehrenberg (2004) identifica a depressão na transição da sociedade da disciplina para a sociedade do desempenho. Segundo o francês, ela é o resultado do esgotamento do homem moderno pelo esforço de ter de ser ele mesmo. Han (2017) complementa o autor citando que a depressão também pertence a carência de vínculos.

Ao se observar o cenário pandêmico que vem sendo superado, percebe-se a presença de ambos os traços desencadeadores da depressão, visto que a pressão pelo desempenho se manteve e ainda recebeu o agravante da carência de vínculos trazida pelo isolamento social.

Um informe da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP - FIOCRUZ, 2020), indica que, na China, na fase inicial da pandemia, 13,8% das pessoas passaram a manifestar sintomas depressivos leves, 12,2% sintomas depressivos moderados e 4,3% sintomas depressivos graves. Outro dado apresentado é nos Estados Unidos, onde um canal de emergência governamental direcionado à saúde mental registrou um aumento de 1.000% no número de ocorrências comparado ao mesmo período no ano anterior.

Observa-se então uma sociedade caminhando para o adoecimento mental. O estudo em questão possui como finalidade a observação de uma das patologias da sociedade do desempenho, o *Burnout*.

2.4 Críticas à análise de Byung-Chul Han

Como dissemos, os textos de Han tiveram papel crucial nesse trabalho, ao aproximar e guiar a atenção do pesquisador, estudante de graduação em engenharia, para questões filosóficas, psicológicas, de saúde e sofrimento causados pela atual interação social com o trabalho..

Nos itens precedentes, pudemos identificar inúmeros termos que compõem parte da filosofia de Han, sempre aparecendo em binômios, tais como: sociedade do desempenho/disciplina, liberdade/aprisionamento, positividade/negatividade, exploração interna/externa, violência neuronal/viral, etc. Na escrita ensaística cada termo desse se torna compreensível para muitos leitores leigos em filosofia, cumprindo papel de aproximar o discurso abstrato do leitor comum.

Assim, fica melhor entendida a potência do texto filosófico e a capacidade explicativa num alto nível de abstração, construindo uma narrativa simples para problemas complexos.

O texto de Han é filosófico, portanto mais ensaístico e menos científico. Ele próprio reconhece esse caráter e assume modificações gigantescas na imagem mais importante que cria, da sociedade do desempenho ter substituído a sociedade do cansaço. Han acata ainda a crítica de Žižek (2020), publicada no jornal El País, de que “não é que a exploração por outros tenha dado lugar à auto exploração”, ou seja, deixa claro que não se trata de um conceito, bem fundamentado, ou de uma verificação científica, originada na empiria, mas sim de um esboço de teoria, modificável à primeira crítica consistente.

Na sequência da aceitação da crítica, Han desenvolve, em matéria de jornal, uma nova definição que altera a totalidade de um dos seus principais textos, Sociedade do Cansaço, afirmando que: “Claro, a fadiga não vem só da pressão interna, mas também da pressão externa; não só a autoexploração esgota, também a exploração por outros. As condições mundiais de produção, a própria pressão para crescer e produzir extenua a todos nós”. (HAN, B. C.. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca (2021). El País, Espanha, 22 de março de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html>>. Acesso em: 19 set. de 2021)

Assim, o binômio chave do seu texto, aquele que aponta a passagem da sociedade disciplinar para a outra, do desempenho, cai por terra e mostra que a análise precisaria ser refeita, considerando as muitas possibilidades de combinação entre disciplina e desempenho encontrados no mundo real, especialmente em países em desenvolvimento, como a China, que Han menciona. Porém, tais combinações não se restringem ao gigante asiático e também não são necessárias pesquisas para demonstrar facilmente que a disciplina imposta externamente ainda é um fator muito comum, tanto em países pobres quanto em ricos.

Dessa forma, acreditamos que o binômio ficaria melhor tratado se explicasse as características na transição de uma sociedade com ênfase na disciplina para outra, com ênfase no desempenho. Essa transição não abandona a disciplina, ao contrário a incorpora e cobra com maior rigor, através dos algoritmos cada vez mais onipresentes na vida em geral e no trabalho em particular.

Um livro escrito por filósofas argentinas, chamado “¿Por qué (no) leer a Byung-Chul Han?”, faz críticas densas ao filósofo, apontando a sua positividade em escrever de forma acessível à massas de leitores, mas a negatividade da simplificação de conceitos densos, reduzidos a binômios que parecem demonstrar a totalidade dos fenômenos analisados, mas que não faz mais do que saltar de um para o outro extremo, sem exaurir as possibilidades dos fenômenos:

“Byung-Chul Han, dicho de otro modo, señala problemas que no problematiza. Sus tesis se asientan en una dicotomía fundamental: positividad/negatividad.” (ESPINOSA, L. et al. 2018. ¿Por qué (no) leer a Byung-Chul Han?, p. 21, Ubu Ediciones.)

As filósofas seguem a análise da obra de Han, identificando nessa redução a binômios seu principal problema teórico e metodológico:

“A nuestro entender, aquí yace el principal problema filosófico-metodológico de su enfoque. Byung-Chul Han queda preso de una circularidad teórica sin fisuras: en apariencia avanza analíticamente en una legibilidad que tiene a las prácticas en su horizonte de sentido, pero su metodología binaria le impone un límite infranqueable.” (ESPINOSA, L. et al. 2018. ¿Por qué (no) leer a Byung-Chul Han?, p. 22, Ubu Ediciones.)

As críticas elencadas nesse texto sobre a obra de Han nos permitem identificar a importância que textos ensaísticos podem ter na pesquisa científica, no sentido de atrair a atenção para um problema, mas que o ensaio não precisa necessariamente

ter compromisso com a ciência vigente, mas também não pode perder de vista a relação com os acúmulos científicos e empíricos.

Dessa forma, textos ensaísticos precisam ser utilizados com o devido cuidado, para que seja feita a apropriação de suas imagens pela forma teórica e científica, que é o que buscaremos desenvolver a seguir. O estudo dos artigos científicos sobre *Burnout* em universitários, encontrados na revisão bibliográfica sobre o tema no Brasil, bem como o cotejamento dos achados desses estudos com uma teoria explicativa da determinação social do processo saúde-doença.

3. TEORIA DA DETERMINAÇÃO SOCIAL DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

3.1. “A saúde-doença como processo social”

Laurell (1982), em artigo publicado na Revista Latinoamericana de Saúde, busca nos trazer uma discussão ocorrida desde o final dos anos 60, quando atingiu seu auge. Tal discussão objetiva-se em definir a doença como um processo essencialmente biológico ou social.

De acordo com a autora, o auge da polêmica foi vinculado à crescente crise política e social que acompanhou a crise econômica da época. A autora ainda reforça que um traço de lutas populares de tal época é buscar a solução dos anseios das massas trabalhadoras. Laurell estuda a experiência mexicana, compara com experiência socialista, de Cuba e de países capitalistas, como os EUA, buscando, portanto, um caráter universal nas análises que faz.

Pode-se supor, segundo Laurell, que o calor das lutas precede uma crítica. Essa, por sua vez, precede a compreensão dos problemas e origina novas práticas sociais, por exemplo, luta por menores jornadas de trabalho, novos benefícios ao trabalhador, maior segurança ao ser humano, etc.

Buscando um entendimento do caráter histórico-social do processo saúde-doença, a autora explica que “a natureza social da doença não se verifica no caso clínico, mas no modo característico de adoecer e morrer dos grupos humanos.” (Laurell, 1982, p. 3).

Laurell indicou, por exemplo, que não se entende o caráter social da tuberculose estudando os tuberculosos, mas sim nos perfis patológicos que os grupos sociais apresentam. Podemos derivar daí o entendimento de que da mesma forma, não se faz possível entender as patologias mentais modernas - *Burnout*, TDAH, depressão, etc - estudando somente os pacientes específicos, mas sim o grupo afetado por aquela doença naquele momento.

A autora mostra ainda que diferentes graus de desenvolvimento e organização social apresentam diferentes patologias coletivas. Ainda, internamente à sociedade, notam-se também diferentes condições de saúde nas diversas classes sociais componentes.

Tal observação pode ser associada diretamente ao aspecto intelectual da questão visto que uma classe trabalhadora automaticamente é menos instruída em

diversos âmbitos da vida. Dentre os trabalhadores, há diversos níveis de renda, que sujeita os de menor renda a trabalhos mais precários, mal remunerados e de menor instrução intelectual e maior instrução técnica-manual (pedreiros, carpinteiros, empregadas domésticas, zeladoras, etc). O aumento da renda, acompanhado da ascensão dos processos cognitivos, cria trabalhadores direcionados a menores cargas físicas e maiores cargas mentais.

Em uma de suas análises, Laurell (1982), busca estudar os perfis patológicos de Cuba, México e Estados Unidos. Seu objeto de estudo envolveu a observação do perfil patológico de cada país com referência nos óbitos e não nas patologias propriamente ditas. Tal metodologia, segundo a autora, possui uma eficiência muito menor se comparada com a análise das doenças, pois a formação de um processo patológico-social é crônica e, às vezes, nem sequer mortal.

Os resultados observados por Laurell, com suas respectivas taxas por 100.000 habitantes podem ser encontrados nos quadros 01 e 02 abaixo.

Quadro 01 - Evolução das causas de mortes gerais no México entre 1940 e 1970.

CAUSAS	TAXA MÉXICO 1940	TAXA MÉXICO 1970	VARIAÇÃO
Pneumonia	356,3	170,8	-185,5
Gastroenterites e colites	490,2	141,7	-348,5
Doenças do coração	54,3	68,3	+14,0
Mortalidade perinatal	100,7	51,5	-49,2
Tumores malignos	23,2	37,6	+14,4
Acidentes	51,6	71,0	+19,4
Lesões vasculares do SNC	18,9	24,7	+5,8
Bronquites	66,8	16,7	-50,1
Diabetes mellitus	4,2	15,3	+11,1
Tuberculose do aparelho respiratório	47,9	19,9	-28,0
Febre tifóide	31,9	5,8	-26,6
Malária	121,7	0,6	-121,1
Varíola	6,8	0	-6,8
Coqueluche	42,4	7,1	-35,3
Sarampo	91,2	24,3	-66,9
Sífilis	19,2	0,8	-18,4
Homicídio	67,0	18,0	-49,0

Fonte: Departamento de Medicina Social, Medicina Preventiva e Saúde Pública, UNAM & LAURELL, C. ASA, A saúde-doença como processo social, Revista latinoamericana de saúde, 1982).

Quadro 02 - Principais causas de mortalidade geral no Mexico, Cuba e Estados Unidos em 1972.

MÉXICO			CUBA			ESTADOS UNIDOS		
CAUSAS	MORTES	TAXA	CAUSAS	MORTES	TAXA	CAUSAS	MORTES	TAXA
Pneumonia e Influenza (A89-90)	69.097	131,7	Doenças do coração isquêmicas (A83)	9.398	107,4	Doenças do coração isquêmicas (A83)	674.292	326,1
Enterites e outras doenças diarreicas (A5)	66.864	127,5	Doenças do coração - outras (A80, 81, 84)	1.453	16,6	Doenças do coração - outras (A80, 81, 84)	55.026	26,6
Doenças do coração isquêmicas (A83)	10.234	19,5	Tumores malignos (A45-60)	8.929	102,1	Tumores malignos (A45-60)	337.398	177,7
Doenças do coração - outras (A80, 81, 84)	25.760	49,1	Doenças cerebrovasculares (A85)	4.694	53,7	Doenças cerebrovasculares (A85)	209.092	101,1
Morte perinatal (A131-A135)	25.147	47,9	Morte perinatal (A131-A135)	3.270	37,4	Acidentes (AE138-146)	113.439	54,8
Morte violenta (A131-135)	25.481	42,9	Pneumonia e Influenza (A89-90)	3.018	34,5	Pneumonia e Influenza (A89-90)	57.194	27,6
Tumores malignos (A45-60)	19.217	36,6	Acidentes (AE138-146)	2.823	32,3	Doen. artérias, arteríolas e capilares (A86)	56.848	27,5
Acidentes (AE138-146)	13.911	26,5	Doen. artérias, arteríolas e capilares (A86)	1.976	22,6	Morte perinatal	38.495	18,5
Doenças cerebrovasculares (A85)	12.809	24,4	Suicídio (A147)	1.265	14,5	Diabetes (A64)	38.256	18,5
Sarampo (A25)	11.504	21,9	Malformações congênitas (A126-130)	1.245	14,2	Cirrose Hepática (A102)	31.808	15,4
Cirrose Hepática (A102)	11.236	21,4	Doenças hipertensivas (A85)	1.976	13,5	Bronquites, enfisema e asma (A93)	30.284	111,0
Todas as demais	129.644	247,2	Todas as demais	17.612	201,3	Todas as demais	258.876	111,0

Fonte: LAURELL, C. ASA. A saúde-doença como processo social, Revista latinoamericana de saúde, 1982 & World Health Statistic, OMS, 1972).

Segundo a autora, ao observarmos o quadro 01, comparamos o México em dois contextos temporais: 1940 e 1970. Laurell ainda busca comparar e explicar os acontecimentos da época, constatando que houve mudanças no perfil patológico com relação ao tipo de patologia e à sua frequência. A sueca busca exemplificar trazendo uma observação aos dois primeiros lugares pois em ambos os anos foram ocupados pelas mesmas doenças mas em taxas inferiores.

Segundo Laurell, o período analisado também permite observar uma importante diminuição nas doenças infecciosas que, na época, puderam ser objetos de campanhas - malária, varíola, sarampo, coqueluche, sífilis, tuberculose e febre tifóide. Por outro lado nota-se um aumento nas doenças cardiovasculares, nos tumores malignos, nas doenças do sistema nervoso central, no diabetes e nos acidentes, doenças que podem ser mais correlacionadas com o ato do trabalho.

A autora finaliza a análise temporal mexicana concluindo que as transformações redutoras das patologias não podem ser explicadas simplesmente pelo desenvolvimento médico-hospitalar, mas sim pela evolução dos métodos preventivos específicos, como vacinas e campanhas locais. Ao mesmo passo, o aumento de outras doenças de caráter preventivo também não se explica pelo desenvolvimento médico mas sim nas características das formações sociais de cada momento histórico.

Posteriormente, a fim de evidenciar o caráter social da doença e permitir um aprofundamento nos determinantes sociais do perfil patológico, Laurell analisa, no quadro 02, as condições coletivas de saúde em diferentes sociedades e no mesmo contexto histórico. Os países escolhidos são México, Cuba e Estados Unidos,

Os dois primeiros, segundo a autora, vivendo um desenvolvimento econômico semelhante e relações sociais de produção distintas, já indicam diferentes perfis patológicos.

No México há uma predominância das doenças infecto-contagiosas, sendo essas cerca de 40% da mortalidade total. Simultaneamente, à época, as doenças típicas da “sociedade moderna” começaram a ter sua representatividade aumentada, tais como as doenças isquêmicas do coração, os tumores malignos e os acidentes. Outra evidência importante feita por Laurell foi a elevada taxa de mortalidade por cirrose hepática, traduzindo a má nutrição e o alcoolismo, ou a pobreza e o desespero, que começavam a ser enfrentados. O consumo de álcool, segundo Laurell, também reflete nas frequências de morte violenta.

Em Cuba, o peso das doenças infecto-contagiosas já passa a constituir 11% da mortalidade total, uma redução de 29% se comparado ao México. Laurell indica que as doenças cardiovasculares e os tumores malignos são as dominantes no país.

Laurell complementa que a comparação entre México e Cuba prova que não existe um perfil doentio para a “pobreza média” e sim uma necessidade de analisar as relações sociais de produção na sociedade estudada, fator distintivo principal do perfil patológico de cada uma.

Nos Estados Unidos, nota-se que o perfil patológico pode ser considerado semelhante com o de Cuba, com o aparecimento comum das doenças cardiovasculares, seguido dos tumores malignos e dos acidentes. Abre-se também a importância de observar a diabetes e a cirrose hepática. A diferença mais notável entre os dois países supracitados é de que, nos EUA, as frequências são expressivamente maiores do que em Cuba.

Laurell complementa sua comparação trazendo uma possível interpretação de que as diferentes taxas entre EUA e Cuba seriam simplesmente o resultado das diferentes estruturas demográficas das populações.

“Considerando-se que as doenças cardiovasculares e os tumores malignos têm maior incidência nas idades avançadas, as diferenças encontradas se explicariam, assim, como simples efeito do fato demográfico. Atrás dessa interpretação há o que poderíamos chamar de concepção da “doença residual”, que surge juntamente com o aparecimento de um novo perfil patológico, dominado, principalmente, pelas moléstias cardiovasculares e tumores malignos.” “Equivale a dizer: como o homem tem que morrer de alguma coisa ao chegar ao fim do seu ciclo vital natural e as doenças infecciosas já não matam, alguma doença degenerativa, como as doenças cardiovasculares ou o câncer, por exemplo, porá fim à sua existência”. (LAURELL, 1982, *La salud-enfermedad como proceso social*, p. 6-7).

Segundo a autora, a explicação citada baseia-se em uma concepção desenvolvimentista da doença na sociedade, visto que busca apresentar a história da doença como simples resultado do domínio humano sobre a natureza. Observar a doença desse modo significa que a concepção que ocorre visa eliminar cada vez mais seus diferentes tipos e buscar uma conceituação de saúde perfeita. Laurell abre um espaço para crítica desse modelo uma vez que, dadas suas peculiaridades, não permite a formação de um perfil patológico próprio em casa sociedade, uma vez que o homem está sempre dominando as enfermidades que estão ao seu alcance.

A partir do exposto, Laurell já elaborou uma possível associação da interação saúde-doença não relacionada com a estrutura à estrutura demográfica mas sim a uma possível dominância do homem pela natureza, ainda, reforma nessa dominância a presença de uma doença residual, como aquela que o homem não consegue encontrar uma solução definitiva.

A autora vai mais além e busca ainda demonstrar a contraditoriedade da doença residual. Tomando como referência o quadro 03 abaixo, Laurell mostra que, se a doença residual realmente surgisse a partir da diminuição e controle das infecções, seria possível observar as mesmas taxas de mortalidade em diferentes países.

Quadro 03 - Comparação de taxas de mortalidade por causas específicas em homens, nos Estados Unidos e Cuba, em 1972.

CAUSA	34-44 anos		45-57 anos		55-64 anos	
	Cuba	EUA	Cuba	EUA	Cuba	EUA
Doenças isquêmicas do coração (A83)	22,5	85,5	87,5	330,4	299,4	896,5
Tumores malignos (A45-60)	31,5	52,2	111,0	180,0	369,4	489,2
Cirrose hepática (A102)	2,4	24,9	12,4	51,3	26,3	72,1
Diabetes melito (A64)	2,2	5,7	7,8	12,8	29,9	34,6
Acidentes de trânsito de veículo a motor (AE138)	12,8	35,9	12,3	34,6	13,6	38,0
Acidentes industriais (AE145)	4,3	7,1	3,2	7,1	2,2	8,9
Todas as causas	210,7	393,6	451,6	930,6	1194,9	2245,0

Fonte: World Health Statistic Annual, OMS, 1972 & LAURELL, C. ASA, A saúde-doença como processo social, Revista latinoamericana de saúde, 1982.

Com tal consideração, Laurell (1982) conclui que a elaboração de um quadro patológico da sociedade não se explica como simples função de um fator isolado, mas sim como um conjunto de estudos de frequência e de distribuição das patologias nos diversos grupos sociais que constituem a sociedade, uma vez que a articulação entre processo social e processo de saúde-doença pode caracterizar diferencialmente a inserção de cada grupo na produção e sua interrelação com os demais grupos.

A autora apresenta casos latino-americanos sobre a possível associação social-patológica da sociedade como em Behm (1979), que demonstrou que o risco de não suportar os anos iniciais de vida está em relação direta com a maneira com que o pai se insere na produção. Desse modo, há maior probabilidade quatro vezes maior de uma criança proletária urbana morrer antes de uma criança de classes média ou alta, concomitantemente o risco da criança nascida no campo chega a ser cinco vezes maior.

Outro estudo, de Celis e Nava (1970), apresentou a comparação de mortes e frequências entre dois grupos de pessoas: o primeiro deles possuía seguro de vida privado (camadas médias e altas da sociedade) e o segundo descrevia as pessoas que morreram no Hospital Geral da Cidade do México (subproletariado urbano). As relações de mortes em proporções comparativas podem ser observadas pelo quadro 04 abaixo.

Quadro 04 - Proporção do número de mortes entre pessoas cobertas por seguro de vida privada e pessoas que utilizam o serviço público de saúde mexicano, 1972.

Causa da morte	Número* de mortes constatadas pelo seguro de vida privado	Número* de mortes constatadas pelo Hospital Geral da Cidade do México
Amebíase	1	30
Tuberculose	1	8
Hepatite	1	6
Infecções respiratórias agudas	1	4
Cirrose hepática	1	3,5
Doenças cardiovasculares	3	1
Doenças do sistema nervoso central	2,5	1

Fonte: LAURELL, C. ASA, A saúde-doença como processo social, Revista latinoamericana de saúde 1982 & CELIS A. e NAVA Y. “La patología de la pobreza”, Revista Médica do Hospital Geral, 1970 & Autor.

*O número expresso deve ser visto como a relação probabilística de morte do cidadão com acesso ao seguro de vida privado e do cidadão que necessita do serviço público de saúde.

Saindo da América-latina, a autora busca na Inglaterra e País de Gales, entre os anos de 1970 e 1972, uma razão padronizada de mortalidade a partir de dados

fornecidos pelo Cartório de Registro Geral. Tal razão pode ser visualizada a partir do quadro 05.

Quadro 05 - Razão padronizada de mortalidade em homens e mulheres casados de 15 a 64 anos, na Inglaterra e País de Gales, entre 1970 e 1972.

Causa da morte	Nº de mortes na burguesia e camadas média altas	Nº de mortes de operários não qualificados	Proporção de mortes de operários com relação à classes superiores
Câncer	75	130	1,73
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	90	130	1,44
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos	65	110	1,69
Doenças mentais	70	250	3,57
Doenças do sistema nervoso	60	150	2,50
Doenças do sistema circulatório	90	110	1,22
Doenças do sistema respiratório	80	160	2,00
Doenças do sistema geniturinário	60	155	2,58
Doenças infecciosas e parasitárias	60	200	3,33
Acidentes, envenenamentos e violência	80	200	2,50
Todas as causas	80	140	1,75

Fonte: LAURELL, C. ASA, A saúde-doença como processo social, Revista latinoamericana de saúde. 1972 & Cartório Oficial de Registro Geral.

Por fim, Laurell (1979) busca enxergar para a Inglaterra, entre os anos 1921 e 1972, o crescimento sistemático dos diferenciais de mortalidade entre as classes I e V, onde as classes I e II representam os grupos empresariais e profissionais liberais e as III, IV e V os trabalhadores com qualificação decrescente. Os resultados podem ser expressos pelo quadro 06 abaixo.

Quadro 06 - Razão padronizada de mortalidade em homens e mulheres casados de 15 a 64 anos, na Inglaterra e País de Gales, entre 1970 e 1972.

Classe social	1921-1923	1930-1932	1949-1953	1959-1963	1970-1972
I	82	90	86	76	77
II	94	94	92	81	81
III	95	97	101	100	104
IV	101	102	104	103	113
V	125	111	118	143	137
(V - I)	43	21	32	64	60

Fonte: LAURELL, C. ASA, A saúde-doença como processo social, Revista latinoamericana de saúde. 1972 & SARACCI, R. "Epidemiological strategies and environmental factor", Jornal Internacional de Epidemiologia, 1978.)

Analisando tal quadro, Laurell (1972) vai ainda mais longe, citando que o quadro indica que os diferenciais de mortalidade entre os grupos sociais não representam diferenças no acesso aos serviços médicos visto que, na Inglaterra, o Serviço Nacional de Saúde foi criado a partir de 1946. Laurell (1972) cita também que existe uma problemática na relação entre as condições de vida e a saúde, visto que o nível de vida geral dos ingleses melhorou entre 1921 e 1972. Entretanto, tal melhoria refletiu principalmente no campo do consumo, mantendo estagnadas as relações sociais de produção, gerando novas discrepâncias de classes e novos diferenciais de mortalidade.

A partir do exposto, nota-se a maneira como o caráter social do processo saúde-doença se expressa, tornando-se um item variável de cada grupo humano, dependendo do seu momento histórico e também das suas diferentes formações sociais. Nota-se também a comprovação da diversidade de formações patológicas-sociais dentro de uma mesma sociedade a partir da divisão de classes e dentro dessas, conforme as faixas de qualificação profissional, às quais, supomos que corresponda a renda¹.

¹ Essa suposição precisaria ser verificada por pesquisas superiores, uma vez que a relação entre maior qualificação e renda não é direta necessária e automaticamente. A separação entre classes sociais também precisa ser melhor verificada em cada caso concreto. No Brasil do século XXI, por exemplo, pequenos proprietários muito precarizados, como donos de mercearias, ou bancas, serão classificados como classe proprietárias, mas terão muitas vezes renda menor do que segmentos de proletários melhor remunerados.

3.2. Interface da saúde no trabalho entre os séculos XIX, XX e XXI

Com a revolução industrial e ênfase nos sistemas capitalistas de produção, vários autores da economia clássica fizeram-se pensadores das diferentes estratégias e métodos de organizar e controlar o trabalho (RIBEIRO, 2015) mas, somente no final do século XIX, que Frederick Winslow Taylor deu início à uma ideia de administração científica.

Esse modelo de trabalho baseia-se na “aplicação do método científico” com o objetivo de obter uma maior produção dos sistemas econômicos. A principal referência desse método é buscar que o trabalhador produza mais em menos tempo, mantendo, desse modo, os custos de produção mais baixos.

Ao longo de todo o século XX foi observado o aparecimento de outros modelos produtivos. Além do Taylorismo, podemos dar destaque ao Fordismo, Toyotismo e Volvismo, cada um com sua característica específica voltada à produção de bens materiais.

Dentro do século XXI ainda é possível observar muitos desses modelos dentro da nossa sociedade. Alguns trabalhadores com menores níveis de instrução escolar ainda são “adestrados” por métodos repetitivos de trabalho dentro das fábricas, a fim de melhorar a produtividade. Outros, já não possuem a mesma sorte, visto que o seu trabalho repetitivo e metódico foi substituído por uma máquina de última geração.

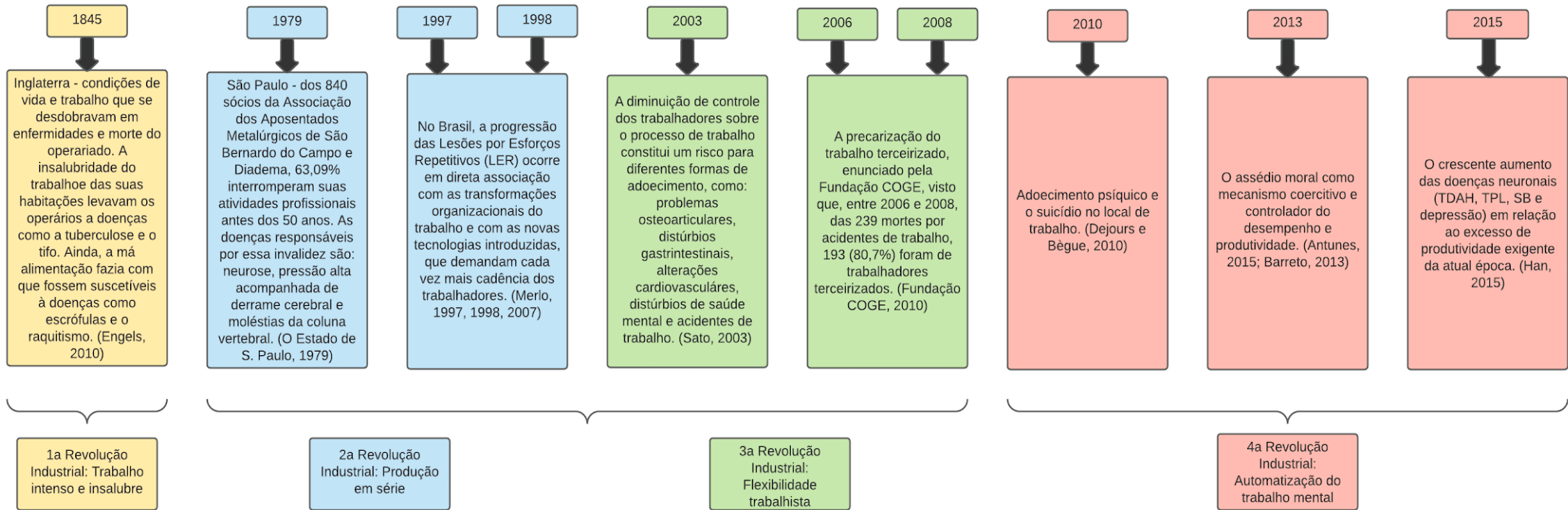
Aqueles funcionários com maiores níveis de instrução: engenheiros, gerentes, técnicos e até mesmo acadêmicos, são lançados à uma “mecanização” do trabalho mental. Envolvidos em diferentes processos, diretrizes e objetivos corporativos, vêm-se forçados a trazerem um maior aperfeiçoamento pessoal, de modo que sejam ainda mais produtivos e que possam, quem sabe, trazer melhorias aos processos criados por Taylor há mais de 120 anos.

Conforme indicam Antunes & Praun (2015), em seu artigo “*A sociedade dos adoecimentos no trabalho*”, a nova divisão internacional do trabalho, com altos índices de desempenho, maiores individualizações no local profissional, assédio moral e diferentes modelos de gestão, estabelece um novo mapa de acidentes e doenças profissionais.

A partir da visão desses autores e com a complementação de Han, torna-se possível a elaboração de um mapa evolutivo das tratativas dos acidentes de trabalho

ao longo dos anos. Essa visão fica expressa na figura 01, que objetiva nos estudos de Antunes & Praun (2015) e Han (2017) a montagem de uma linha do tempo com os dados fornecidos nos estudos. A linha do tempo não é sistemática, mas visa apenas ilustrar com os pontos centrais que aparecem em alguns textos com destaque.

Figura 01 - Linha do tempo dos acidentes de trabalho ao longo dos anos.



Fonte: A sociedade dos adoecimentos no trabalho (Antunes & Praun, 2015); Sociedade do Cansaço (Han, 2015); A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho (Merlo & Lapis, 2007); Autor.

Nota-se, a partir da observação dessa linha do tempo, uma tendência da inclusão das patologias mentais a partir do final do século XX, com a presença da neurose nos metalúrgicos inválidos. Desde então, nota-se um aparecimento de alguns outros distúrbios psíquicos, como o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), o TPL (Transtorno de Personalidade Limítrofe), a SB (Síndrome de *Burnout*), a depressão e até mesmo o suicídio. (Han, 2015; Antunes & Praun, 2015; Dejours & Bègue, 2010).

A presença das patologias psíquicas não descarta os acidentes físicos no trabalho, somente trazem como indício da sociedade pós-moderna uma inclusão de novas formas de agressão ao trabalhador.

No Brasil, é possível mapear os dados de acidentes de trabalho de maneira detalhada a partir dos auxílios por acidente de trabalho, concedidos ao longo dos anos. No presente estudo será considerado o “auxílio-doença acidentário”, modalidade descrita como o benefício concedido ao empregado que se acidentou ou foi acometido por doenças contraídas ou agravadas pelo trabalho. Desse modo, traz credibilidade aos dados, visto que busca as variáveis oficiais. A análise ficará, portanto, parcial, uma vez que esses dados não abrangem os inúmeros trabalhadores não cobertos pelo INSS, do mercado informal.

O foco da pesquisa será também as patologias que atingem a mente dos trabalhadores, de modo a perceber a constante inclusão dessa variante no último século.

O quadro 07 abaixo indica uma relação dos transtornos mentais dentro do universo total de auxílios-doença acidentários concedidos entre 2006 e 2020. Os dados foram extraídos das Tabelas CID-10, fornecidas pelo Ministério do Trabalho e Previdência. Tais quadros compilam as ocorrências de acordo com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), publicada pela OMS (Organização Mundial de Saúde). O anexo F da CID, cujo capítulo é representado pelo número romano “V” no quadro nacional, é aquele que abrange os transtornos mentais e comportamentais. É notável a subnotificação ocorrida no ano de 2020, por conta da pandemia e os cenários de isolamento social e não-trabalho, evidenciada no quadro 08, que expõe a diferença estatística entre os anos de 2019 e 2020. A partir de abril já é possível observar as reduções das notificações ocorridas.

Quadro 07 - Número total de auxílios-acidentários solicitados, número correspondente de auxílios-acidentários relacionados a transtornos mentais e comportamentais e representatividade dos auxílios-acidentários relacionados a transtornos mentais e comportamentais com relação ao total.

AUXÍLIOS DOENÇA ACIDENTÁRIOS SEGUNDO A CID-10	TOTAL (n)														
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
	140998	274946	356336	329914	327894	319445	305208	304217	279868	196761	226892	191118	202406	193660	71680
	CAPÍTULO V: TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS (n¹)														
	612	7690	12818	13478	12150	12337	11597	12688	11791	8884	10588	9161	9738	11241	4456
	REPRESENTATIVIDADE (%)														
	0,43	2,80	3,60	4,09	3,71	3,86	3,80	4,17	4,21	4,52	4,67	4,79	4,81	5,80	6,22

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência; Autor.

Quadro 08 - Diferença estatística entre os anos de 2019 e 2020, causada pela subnotificação pandêmica das solicitações de auxílios-acidentários em 2020.

ANO \ MÊS	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
2019	14.343	16.942	15.429	18.090	18.558	15.408	16.642	17.990	16.323	18.071	15.049	10.815
2020	10.643	11.934	9.069	2.392	665	592	464	574	2.404	10.502	11.199	11.242

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência; Autor.

Os dados obtidos foram plotados graficamente a fim de facilitar as observações e interpretações. A partir do gráfico 1, nota-se, no Brasil, desde 2008, uma tendência de queda da quantidade de auxílios-acidente solicitados, com a apresentação de uma aparente patamarização dos dados desde 2015.

Gráfico 01 - Evolução da quantidade de auxílio-acidente solicitados entre 2006 e 2020.



Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência; Autor.

Por sua vez, o gráfico 2 evidencia a quantidade de pedidos de auxílio-acidente relacionados a transtornos mentais. Nota-se nestes, uma tendência de alta desde 2017, que poderá ser confirmada com a elaboração dos próximos relatórios.

Gráfico 02 - Evolução da quantidade de auxílio-acidente associados a transtornos mentais solicitados entre 2006 e 2020.



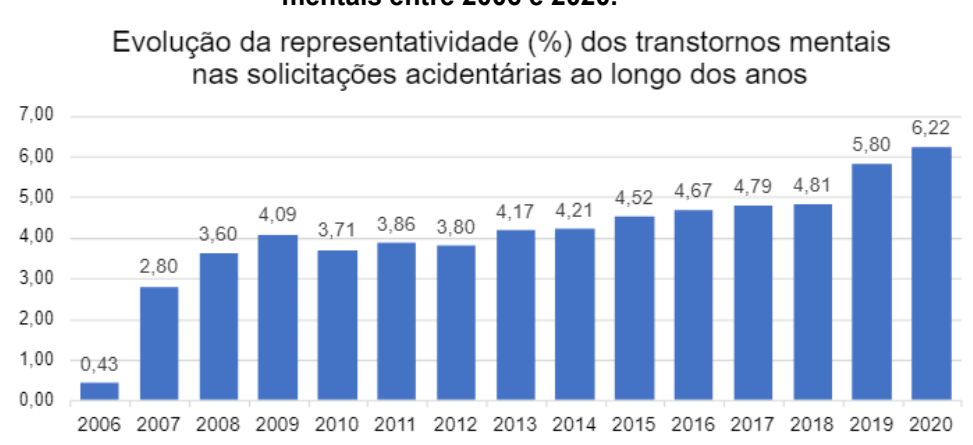
Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência; Autor.

Em ambos gráficos, 01 e 02, observa-se uma inflexão dos dados no ano de 2020. Tal inflexão pode ser explicada pela subnotificação de solicitações entre os períodos de abril a setembro, causada pelo cenário pandêmico de isolamento social

e não-trabalho. Essa subnotificação é evidenciada pelo quadro 2, cuja finalidade foi comparar os auxílios entre os mesmos períodos de 2019 e 2020.

Por fim, ao se observar o gráfico 03, é possível notar um aumento da representatividade dos transtornos mentais nos auxílios concedidos entre 2006 e 2020. Nota-se ainda, que desde 2014 esse dado aparece de maneira crescente na vida do trabalhador brasileiro.

Gráfico 03 - Evolução da representatividade dos auxílios-acidente associados a transtornos mentais entre 2006 e 2020.



Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência; Autor.

Um outro fato importante é que, em 2020, mesmo com a subnotificação dos pedidos de auxílios-acidentes, houve um aumento da representatividade daqueles destinados à transtornos mentais. Entretanto, deve-se atentar que, por 2020 ter sido um ano de subnotificação, não pode ser atribuída grande relevância ao dado. As estatísticas acima indicam a crescente notificação de casos de adoecimento mental dos trabalhadores inseridos no mercado formal.

4. O BURNOUT E A PESQUISA CIENTÍFICA NO BRASIL.

4.1. Burnout: uma revisão bibliográfica segundo Maslach e Jackson

Maslach e Jackson (1981), definiram o *Burnout* como o momento onde o trabalhador se desgasta a um nível extremo, de modo a desistir, não aguentar mais, entrar em queima total. Tal queima envolve principalmente a grande responsabilidade e tensão emocional exigida do trabalhador ao se envolver efetivamente com o trabalho.

De acordo com as autoras, o *Burnout* envolve três escalas. A primeira delas é a Exaustão Emocional, momento onde o trabalhador percebe o esgotamento de sua energia mental. A segunda delas é a Despersonalização, caracterizada pelo desenvolvimento da frieza afetiva, cinismo, com as pessoas a quem se destina o trabalho executado. A terceira escala é a Eficácia Profissional, vista como a eficiência do sujeito dentro do ambiente de trabalho. As revisões indicam que altas médias de Exaustão e Despersonalização combinadas com baixas médias em Eficácia Profissional, sugerem a presença da síndrome.

É possível obter questionários de *Burnout* específicos para equipes médicas e dos serviços humanos (MBI - HSS), professores e demais residentes do ambiente educacional (MBI - ES), grupos ocupacionais gerais (MBI - GS) e estudantes (MBI - SS).

Tais questionários envolvem a pontuação de 22 sintomas divididos da seguinte maneira: Exaustão Emocional (9), Despersonalização (5), Eficácia Profissional (8). Os sintomas são pontuados nas faixas de frequência Likert de 0 a 6 e a análise dos resultados pode confirmar ou não a síndrome.

Nota-se que, desde 1981, diversas outras associações teóricas já foram levantadas por diferentes autores (Benevides-Pereira, 2002; Maslach e Leiter, 1997; Maslach e Golber, 1998) e indica um fundamento atual da definição como uma percepção social-psicológica. No Brasil, Carlotto e Câmara (2008) trouxeram também uma análise da produção científica nacional à época, entretanto não haverá aprofundamento teórico na nossa análise.

O estudo em questão trará o enfoque simplificado para o MBI - SS, visto a busca pela hipótese da associação da necessidade de desempenho dos estudantes com a incidência da *Síndrome de Burnout*.

4.2. Burnout: uma associação científica com o estudante universitário

Os estudantes universitários da sociedade neoliberal já sentem o peso de tanta pressão em super produzir. Desde cedo são submetidos a cargas horárias pesadas e ainda convivem com a pressão da necessidade de fazerem o seu ingresso no mercado de trabalho.

Ao mesmo passo, tais estudantes estão cada vez mais sujeitos a desenvolverem problemas de caráter emocional. Essa hipótese é confirmada pelos relatórios elaborados pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (FONAPRACE), cuja finalidade é traçar um perfil básico socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação.

A pesquisa da FONAPRACE já possui 5 edições e todas elas contam com um tópico destinado à saúde mental dos alunos. Na última edição, publicada em 2018, 83,5% dos estudantes relataram ter passado por dificuldades emocionais ao longo de 2017. O quadro 09 abaixo representa a evolução dos relatos sobre dificuldades emocionais nos relatórios.

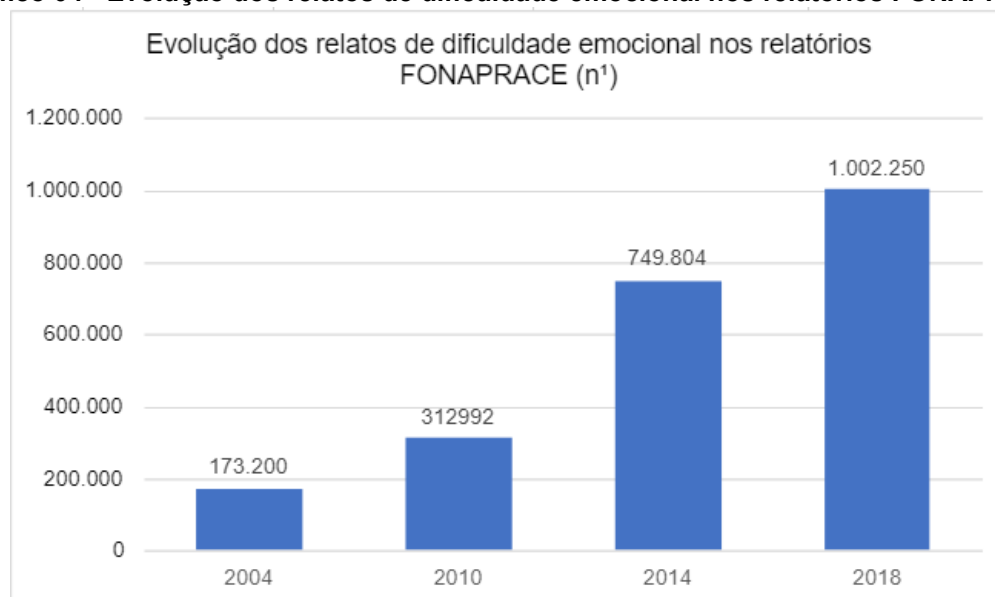
Quadro 09 - Evolução da representatividade dos estudantes que sofreram com dificuldades emocionais nos relatórios FONAPRACE.

RELATÓRIO	ANO	AMOSTRA TOTAL (n)	AMOSTRA DIFICULDADE EMOCIONAL (n')	REPRESENTATIVIDADE (%)
FONAPRACE II	2004	469.378	173.200	36,90
FONAPRACE III	2010	656.167	312.992	47,70
FONAPRACE IV	2014	939.604	749.804	79,80
FONAPRACE V	2018	1.200.300	1.002.250	83,50

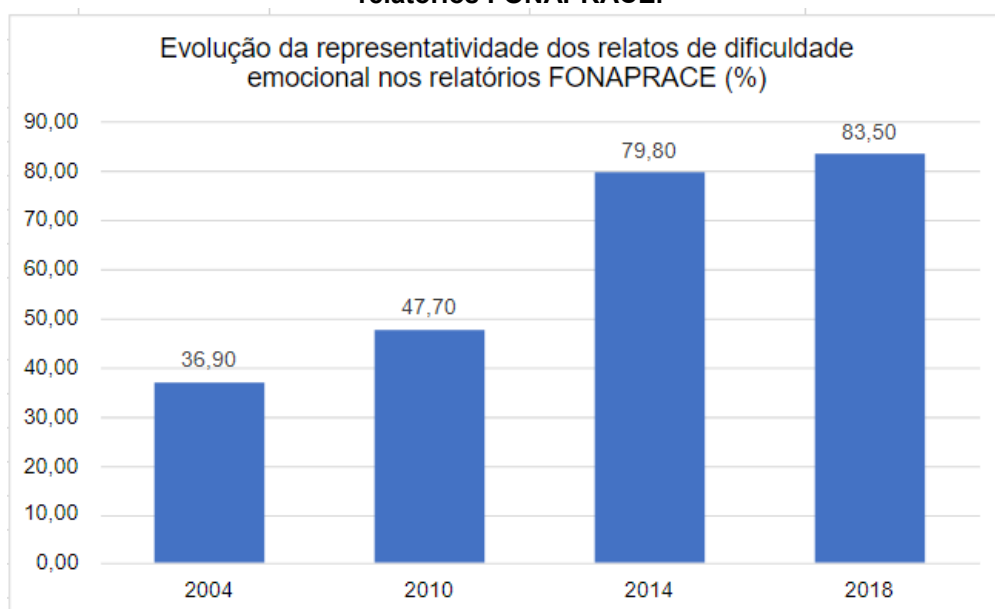
Fonte: FONAPRACE (2004, 2010, 2014 e 2018); Autor.

Não foi possível encontrar a primeira versão do relatório, por conta disso ele não está discretizado no quadro e nos demais gráficos.

A fim de facilitar a observação da evolução dos dados, foram elaborados os gráficos 04 e 05 abaixo, que representam a evolução dos relatos de dificuldade emocional nos relatórios FONAPRACE e a sua representatividade, respectivamente, ao longo dos anos.

Gráfico 04 - Evolução dos relatos de dificuldade emocional nos relatórios FONAPRACE.

Fonte: FONAPRACE (2004, 2010, 2014 e 2018); Autor.

Gráfico 05 - Evolução da representatividade dos relatos de dificuldade emocional nos relatórios FONAPRACE.

Fonte: FONAPRACE (2004, 2010, 2014 e 2018); Autor.

A partir da análise gráfica, nota-se que, ao longo dos anos, houve um crescimento tanto da quantidade de relatos (gráfico 04), quanto da representatividade desses relatos (gráfico 5).

Com relação à quantidade, observa-se uma inflexão da curva entre os relatórios correspondentes aos anos de 2010 e 2014, com um acréscimo de 436.812

relatos de dificuldade emocional. Repara-se também uma tendência ao crescimento desses valores, que deverá ser confirmada com a elaboração de novos relatórios.

Tomando como referência a representatividade, confirma-se também a mesma inflexão estatística entre os relatórios III e IV, contando com um impressionante aumento de 32,1%. Existe ainda uma aparente patamarização dos resultados entre 2014 e 2018, que pode indicar uma “padronização” do índice de sofrimento mental nos estudantes brasileiros, tal hipótese também poderá ser confirmada com a elaboração de novos relatórios.

Tais resultados evidenciam o adoecimento dos acadêmicos brasileiros e, principalmente, uma aceleração desse índice nos últimos 20 anos.

É notável a contribuição do meio acadêmico na amplificação do aparecimento de patologias psíquicas. Tal consideração é reforçada nas conclusões do relatório FONAPRACE e também por Castro (2017) ao citar o risco trazido pelas instituições de ensino à saúde mental combinado com a ausência de estudos nacionais sobre tal problemática.

Membros “de luxo” da sociedade do desempenho, os estudantes universitários se destacam pela sua alta capacidade cognitiva e pela facilidade de serem encontrados. Desse modo, tornam-se pratos cheios para a super-exploração e para o desenvolvimento dos problemas psíquicos contemporâneos, como o *Burnout*.

Os relatórios disponibilizados pela FONAPRACE não discretizam os problemas emocionais de modo a permitirem uma análise do *Burnout* nos estudantes. Ainda, analisar separadamente a Despersonalização, Eficiência Profissional e o Desgaste emocional não é muito eficiente, visto que o *Maslach Burnout Inventory* deve ser visto como a atuação conjunta dos fatores. Desse modo, faz-se necessária a busca de estudos nacionais específicos sobre a Síndrome.

4.3. *Burnout*: resultados nacionais do *Burnout* em estudantes

Nos dias atuais, os estudantes universitários são preparados para se tornarem os próximos “sujeitos do desempenho”. Desde seus primeiros anos acadêmicos acabam se acostumando com as altas cargas horárias exigidas e a necessidade de associar o ensino superior com o ingresso no mercado de trabalho.

Desse modo, por mais que o *Burnout* seja uma doença do trabalho, existe a necessidade também da observação nos universitários uma vez que, conforme

sugerem Moura e colaboradores (2019), a graduação pode pesar de maneira negativa nos estudantes, visto que os mesmos são submetidos por constantes cobranças, avaliações, pressões externas e até insatisfação com o curso escolhido.

A Universidade brasileira se mostra, ainda, como um ambiente híbrido, entre o desempenho e a disciplina. Apontado por Foucault, o sujeito da disciplina pode ser visto nos aspectos que seguem: alunos submetidos a horários de entrada e de saída das aulas, provas regulares a fim de mensurar o seu aprendizado, matérias que utilizam as mesmas metodologias de ensino há anos, entre outras atitudes que criam, muitas vezes, barreiras para o aprendizado de qualidade. O sujeito do desempenho, apontado por Han, se caracteriza mais pela busca auto comandada, do padrão de si mesmo, do excesso de positividade, etc. Tanto disciplina quanto desempenho são requeridos em grau elevado no meio acadêmico e isso não requer pesquisas sofisticadas para demonstrar, estão visíveis a olho nu.

A partir do exposto, nota-se a relevância do estudo da Síndrome de Burnout no estudante universitário. Segundo Tomaschewski-Barlem (2013), o *Burnout* universitário é caracterizado pelas dimensões da exaustão emocional, da eficácia profissional e da descrença ou ceticismo. As duas primeiras são observadas também nos questionários de Maslach e Jackson (1981), enquanto a terceira é substituída da despersonalização e se caracteriza como o momento onde o estudante passa a apresentar comportamentos defensivos, ausentando-se das aulas e reduzindo o contato com os colegas.

Com isso, foram buscados estudos nacionais que trazem à tona o *Burnout* nos estudantes brasileiros. Tais estudos foram publicados entre os anos de 2014 e 2021 e analisam os universitários a partir do questionário MBI-SS. Dos 12 artigos escolhidos, 10 apresentaram conclusões de frequência relativa dos estudantes afetados pela SB. Dos dois restantes, um apresentou uma conclusão mais ampla a respeito da Síndrome e o outro trouxe uma associação da tratativa do *Burnout* a partir do apoio social. O quadro 10 apresenta as pesquisas por autor, tema, ano, tamanho total da amostra, tamanho da amostra afetado pelo *Burnout* e a representatividade de cada uma delas.

Quadro 10 - Estudos nacionais do *Burnout* e suas representatividades numéricas.

TEXTO	AUTOR(ES)	ESTUDO	ANO	N ¹ (AMOSTRA)	N ² (AFETADO)	REP. (%)
1	Giaretta	Cadetes da engenharia do quarto ano de formação da AMAN: indícios de presença da Síndrome de <i>Burnout</i>	2016	44	-	-
2	Cavalcanti	Uma análise do impacto do <i>Burnout</i> na motivação de estudantes do ensino superior	2020	442	-	-
3	Padovani, Neufeld, Maltoni, Barbosa, Souza, Cavalcanti & Lameu	Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário	2014	468	23	5,00
4	Castro	Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior	2017	26	1	3,85
5	Aguiar, Aguiar & Mercês	Síndrome de <i>Burnout</i> em estudantes de medicina de universidade da Bahia	2018	158	31	19,60
6	Vasconcelos, Trindade, Barbosa & Martino	Fatores preditivos da Síndrome de <i>Burnout</i> em acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública *	2019	100	20	20,00
7	Assunção, Gonçalves, Andrade, Gonçalves & Rocha	A ocorrência da Síndrome de <i>Burnout</i> em universitários de cursos da área da saúde de uma instituição privada na região Norte de Minas Gerais: um estudo transversal	2019	540	78	14,44
8	Prado, Norte, Carvalho, Sousa & Almeida	Avaliação da Síndrome de <i>Burnout</i> entre estudantes do último ano de um curso de medicina do Brasil	2019	81	0	0,00
9	Mattos, Abud, Barbosa, Moreira &	A Síndrome de <i>Burnout</i> entre estudantes universitários: uma investigação multivariada no bacharelado em	2020	202	32	15,84

	Mancebo	administração de uma instituição federal de ensino superior na região Norte do Brasil				
10	Nágime, Andrade, Lobo, Cavatte, Vieira, Carvalho, Colombo & Lopes	Prevalência da Síndrome de <i>Burnout</i> em estudantes de medicina da Universidade Vila Velha	2020	334	11	3,30
11	Lima & Santos	Nível de <i>Burnout</i> em discentes do 10º semestre do curso de psicologia de uma universidade do interior paulista	2020	41	5	12,20
12	Silva, Maciel & Melo	Saúde mental e vida universitária: desvendando <i>Burnout</i> em estudantes de psicologia	2021	135	27	20,00

Fonte: Autor.

Dentro dos estudos selecionados, é possível observar uma diferente gama de resultados em diferentes áreas de ensino. Notam-se, a partir do quadro, estudos específicos em estudantes de medicina, psicologia, administração, engenharia civil e enfermagem. O ensaio de Cavalcanti (2020) traz ainda outras áreas da graduação, entretanto sua maioria é composta por discentes de engenharia.

A fim de trazer respaldos para as considerações finais, foram analisados os estudos apresentados e observados os seus resultados mais significativos. Vale ressaltar que o estudo de Cavalcanti (2020) não traz resultados concretos para a análise qualitativa, visto que mostra uma visão de como a SB afeta a motivação do estudante.

Iniciando-se pela pesquisa de número 3, “Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário” (Padovani e colaboradores, 2014), cujo objetivo é a análise de diversos indicadores de saúde mental em estudantes universitários de seis instituições de ensino superior, observa-se o uso do *Maslach Burnout Inventory - Student Survey* (MBI-SS) como instrumento de caracterização de um dos índices.

A amostra escolhida para aplicação do questionário foi de 468 estudantes de medicina e o resultado encontrado foi de que 23 acadêmicos (5%) estavam acometidos pela síndrome. O autor não traz uma distribuição desses 23 pesquisados divididos por sexo ou ano do curso, citando somente que, dos 468 pesquisados, 60,5% eram mulheres e estavam divididos ao longo dos 5 anos da graduação.

Outro resultado importante é de que, à época, numa amostra de 1.403 graduandos, foi observado um sofrimento psicológico significativo em aproximadamente 561 (39,97%). Tal dado mostra-se positivo para 2014, levando-se em conta que o relatório FONAPRACE do mesmo ano apresentou um resultado de 79,80% dos estudantes pesquisados acometidos por dificuldades emocionais.

Seguindo a ordem do quadro 4, observa-se o estudo de Castro (2017), cujo objetivo foi observar a incidência de diversos tipos de sofrimentos mentais nos estudantes, dentre esses, o *Burnout*. A amostra selecionada pelo autor foi de 26 acadêmicos de Engenharia Civil da Universidade Federal de Itajubá, todos eles estavam entre o nono e o décimo período letivo.

Dos 26 entrevistados, somente 1 (3,85%) possuía a Síndrome de Burnout. O autor cita ainda que os escores médios para Exaustão Emocional não foram considerados como de risco no estudo em questão.

O único acometido pelo *Burnout* do estudo de Castro (2017) foi um estudante do sexo masculino. Entretanto, deve ser notado que a pesquisa não teve um universo significativo de pesquisados, desse modo pode não representar a verdadeira faceta do *Burnout* no local de aplicação.

O texto de número 5, “Síndrome de *Burnout* em estudantes de medicina de universidade da Bahia” (Aguiar e colaboradores, 2018), traz uma observação do *Burnout* em estudantes de medicina da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). No presente estudo foram selecionados 158 estudantes para aplicação dos questionários MBI-SS e sociodemográfico.

Do universo de pesquisados, nota-se uma representatividade de 19,60% (31 estudantes) como os acometidos pela síndrome. Os autores ainda trazem o dado de que 56 discentes (35,4%) possuem elevado risco de desenvolvimento da SB, enquanto 42 (26,6%) possuem baixo risco de serem acometidos pelo *Burnout*.

Nota-se que, a partir dos resultados do autor, foram indicados somente 129 acadêmicos nas escalas “Baixo Risco”, “Risco Elevado” e “Síndrome de *Burnout*”, sendo omissos, sem explicação, os resultados de 29 estudantes.

Observa-se também, em 70,9% dos estudantes, um elevado escore na dimensão Exaustão Emocional. Tal resultado mostra-se levemente positivo ao ser comparado com os relatórios FONAPRACE do ano da aplicação da pesquisa.

Dos 31 acometidos pela SB, nota-se uma separação sociodemográfica que traz conclusões interessantes para o estudo. A maioria dos afetados, 51,61% (16 alunos) representa acadêmicos do sexo masculino. Observa-se também, que 21 estudantes (67,74%) não recebem ajuda financeira. Com relação à periodicidade da graduação, nota-se que 14 dos 31 acometidos pela SB estavam entre o 1º e 4º período, enquanto 17 (54,83%) estavam entre o 5º e 8º. Tal observação pode sugerir uma ocorrência quase igualitária da SB entre anos iniciais e intermediários no estudo em questão.

Os autores apresentam ainda dois dados relacionados à satisfação com a graduação. O primeiro relacionado à satisfação com o curso escolhido, onde 26 alunos (83,87%) mostraram-se insatisfeitos e o segundo relacionado aos pensamentos de desistência do curso, encontrados em 11 estudantes (35,48%). Nota-se que, mesmo insatisfeitos, os pensamentos de evasão da graduação ainda não afetam todo o universo de graduandos, sugerindo uma certa expectativa positiva com relação ao futuro.

Em suas conclusões, os autores sugerem que foi observada uma associação positiva entre a presença da SB em estudantes que estão mais avançados no curso. Por fim, indicam também a necessidade de aplicação de mais estudos considerando a variável raça, a fim de se observar o comportamento das incidências da SB na população negra, que precisa lidar, além dos estressores do dia-a-dia, também com o racismo estrutural.

Uma das maiores representatividades do *Burnout* em universitários foi encontrada no estudo de Vasconcelos e colaboradores (2019) totalizando 20%. Os autores mostram em seus resultados uma associação dos alunos mais afetados pelo *Burnout* como aqueles que estavam no segundo e terceiro ano da graduação (fases intermediárias), utilizavam medicamentos e pensavam em desistir do curso, considerando esses itens como fatores preditivos.

Do universo dos estudantes afetados pela SB que estavam nessa fase intermediária do curso, encontravam-se 14 dos 20 (70%). A mesma dimensão percentual (70%) aparece nos estudantes afetados pelo *Burnout* que pensavam em evadir sua graduação (14 de 20).

Vale ressaltar que a igualdade da dimensão dos estudantes que possuíam pensamentos de evasão dos estudos com aqueles afetados pelo *Burnout* é uma mera coincidência, visto que o estudo não traz indícios de que os mesmos 14 afetados pela SB são os 14 afetados pelos pensamentos de desistência.

Nas fases finais da graduação (4º ano), segundo o autor, observa-se os menores índices de Síndrome de *Burnout*.

Ao traçar o perfil do acadêmico afetado pela SB, os autores encontraram um indivíduo solteiro, desempregado, sem filhos e sem renda própria. Ainda, dos 20 acometidos pela síndrome, 70% (14 alunos) pensavam em desistir do curso. Um dado importante de ser observado é o da exaustão emocional, presente em 75% dos indivíduos entrevistados, confirmando o adoecimento universitário nacional. Os resultados mostram ainda a incidência de *Burnout* em 19 estudantes do sexo feminino, confirmando 95% da amostra afetada.

Outro texto escolhido, de Assunção e colaboradores (2019), “A ocorrência da Síndrome de *Burnout* em universitários de cursos da área da saúde de uma instituição privada na região Norte de Minas Gerais: um estudo transversal”, buscou analisar a incidência da Síndrome de *Burnout* em 540 acadêmicos de 5 cursos da área da saúde de uma instituição em Minas Gerais.

De acordo com o autor, foi observada a SB em 14,44% dos estudantes (78 indivíduos). Trazendo uma visão da exaustão emocional, os autores citam que os alunos mais acometidos são aqueles com desempenho ruim (confirmando a baixa eficácia estudantil), que consomem medicações devido aos estudos e que já pensaram em desistir do curso. Para a variável da descrença, os autores indicam que a preferência de opção do curso foi significativa e, por fim, para a variável eficácia profissional, nota-se uma significância para as expectativas em relação ao curso, o desempenho pessoal e as opiniões acerca dos professores.

Uma estatística dos autores traz uma certa relação negativa das dopagens neuronais, visto que os estudantes que já fizeram uso de medicação para auxiliar nos estudos apresentaram maiores índices de exaustão emocional e descrença em comparação com os que nunca utilizaram. Entretanto, há de se considerar que tal observação não nota se o uso da medicação é anterior ou posterior à alguma prova, trabalho ou frustração com resultados.

O perfil da amostra total encontrado por Assunção e colaboradores foi de maior parte de indivíduos do sexo feminino, sem companheiro e residente com a família. Nota-se ainda altas médias para a exaustão emocional, mas também uma alta média para a eficácia profissional, o que pode sugerir uma certa “proteção” desses acadêmicos com relação à SB.

Como um dos representantes dos menores índices de Síndrome de *Burnout* tem-se o estudo “Avaliação da Síndrome de *Burnout* entre estudantes do último ano de um curso de medicina do Brasil” (Prado e colaboradores, 2019) onde, dos 81 alunos entrevistados, nenhum foi identificado como acometido pela síndrome.

Segundo os autores, os resultados apresentados com relação à exaustão emocional e descrença foram moderados. Entretanto, no que tange à realização pessoal, todos os estudantes obtiveram pontuações altas, descaracterizando a SB.

No estudo em questão, observa-se um perfil do estudante como de maioria do sexo feminino (58%), solteiros (95,1%) e nos últimos períodos da graduação (100%). A baixa incidência de SB nos anos finais da graduação também pode ser encontrada no artigo de Vasconcelos e colaboradores (2019).

Uma outra visão escolhida foi a “Prevalência da Síndrome de *Burnout* em estudantes de medicina da Universidade Vila Velha” (Nágime e colaboradores, 2020). No estudo em questão, dos 334 entrevistados, 11 (3,30%) já sofriam de *Burnout*.

Segundo os autores, desses 11, 54,4% estavam entre o 5º e o 8º período, 81,8% eram sedentários e 63,6% do sexo masculino.

No que tange ao momento universitário, observa-se que a maioria dos estudantes afetados pela SB, do estudo de Nágime e colaboradores, viviam uma fase de transição, passando dos momentos intermediários da graduação para a reta final. Nota-se ainda, uma alta incidência no que se refere à Exaustão Emocional, afetando 63,7% dos acadêmicos.

O estudo de Silva e colaboradores (2021), “Saúde mental e vida universitária: desvendando *Burnout* em estudantes de psicologia” traz também importantes resultados que confirmam situações observadas em todos os artigos analisados individualmente até aqui. Tal estudo consistiu na análise de uma amostra de 135 estudantes, onde 27 (20%) estavam acometidos pela Síndrome.

Dos afetados pelo *Burnout*, somente 1 (3,7%) estava no quinto final do curso - 9º e 10º períodos - enquanto 10 (37,03%) aparecem no segundo quinto - 3º e 4º períodos - da graduação. No tocante ao sexo, observa-se uma maioria feminina acometida, representada por 21 alunas (77,78%)

A Exaustão Emocional também foi observada nos indivíduos da pesquisa de Silva e colaboradores (2021). Os resultados apontam que, dos 135 entrevistados, 102 (75,55%) foram acometidos pela Exaustão moderada ou alta.

Os resultados observados até aqui mostram, além de uma possível associação de período de curso com a SB, uma alta exaustão emocional nos universitários. Ainda, mostram a prevalência de estudos da Síndrome em atividades de caráter assistencialista e de auxílio humano, conforme sugerem Mattos e colaboradores (2020) em sua citação aos estudos de Campos et al. (2011).

A fim de se observar resultados da Síndrome de *Burnout* em áreas da tecnologia foi observado o artigo “A Síndrome de *Burnout* entre estudantes universitários: uma investigação multivariada no bacharelado em administração de uma instituição federal de ensino superior na região Norte do Brasil” (Mattos e colaboradores, 2020).

O estudo de Mattos et. al (2020) envolveu a análise de uma amostra de 202 estudantes do Bacharelado em Administração na Instituição Federal de Ensino Superior, no Norte do país. Desses 202, 32 (15,84%) apresentaram elevada intensidade de Síndrome de *Burnout*. O autor ainda mostra que, do universo de graduandos de administração, 62,87% (127) sofrem com problemas de caráter

emocional. Dimensão que, novamente, confirma o adoecimento mental dos universitários já evidenciado.

São observadas ainda algumas análises de elevada importância para a percepção da evolução da Síndrome de *Burnout*. Segundo Mattos e colaboradores (2020), o aumento da Exaustão Emocional ocorre de maneira concomitante ao aumento da Descrença e da diminuição da Eficácia Estudantil. Ainda segundo os autores, a Exaustão Emocional não possui influência direta na Eficácia Estudantil. Entretanto, a partir do momento em que essa Exaustão passa a gerar no aluno sentimentos de indiferença, caracterizados pela Descrença, começam os aumentos das incidências da queima pessoal.

Infelizmente os autores não trazem dados sociodemográficos que permitam a observação de diferentes parâmetros a serem associados à SB.

Para o estudo “Nível de Burnout em discentes do 10º semestre do curso de psicologia de uma universidade do interior paulista” de Lima & Santos (2020), não foi possível encontrar o artigo completo, sendo as informações limitadas ao resumo da análise.

A partir deste, nota-se que os autores fizeram a aplicação do MBI-SS em uma população de 41 estudantes, encontrando uma incidência de 12,20% (5 acometidos), observa-se ainda uma população de 26 acadêmicos (63,41%) com tendência à síndrome, caracterizada pelo alto desgaste emocional.

Saindo do ambiente acadêmico tradicional, dá-se de encontro ao estudo de Giaretta (2016), que teve como objetivo identificar a Síndrome de Burnout em cadetes de engenharia da AMAN no seu quarto ano de formação. Segundo o autor, seu artigo sugere a “evidência de *Burnout*”, visto que apresenta elevados níveis de Exaustão e Descrença e tendências de baixos níveis de Eficácia Profissional.

No estudo em questão, observa-se um caso com tendência a alta incidência da SB nos últimos anos de curso. Fator que pode ser justificado pela pesquisa ter sido realizada em ambiente militar, que, conforme evidenciado por Giaretta (2016), em referência a Martins (2005), é um local propício ao sofrimento devido à estrutura hierárquica, normas, horários e respeito às tradições institucionais. Tal sofrimento é ainda acelerado com a presença do assédio moral, atitude constante nas instituições militares, conforme sugere Rigotti & Ferrari (2013).

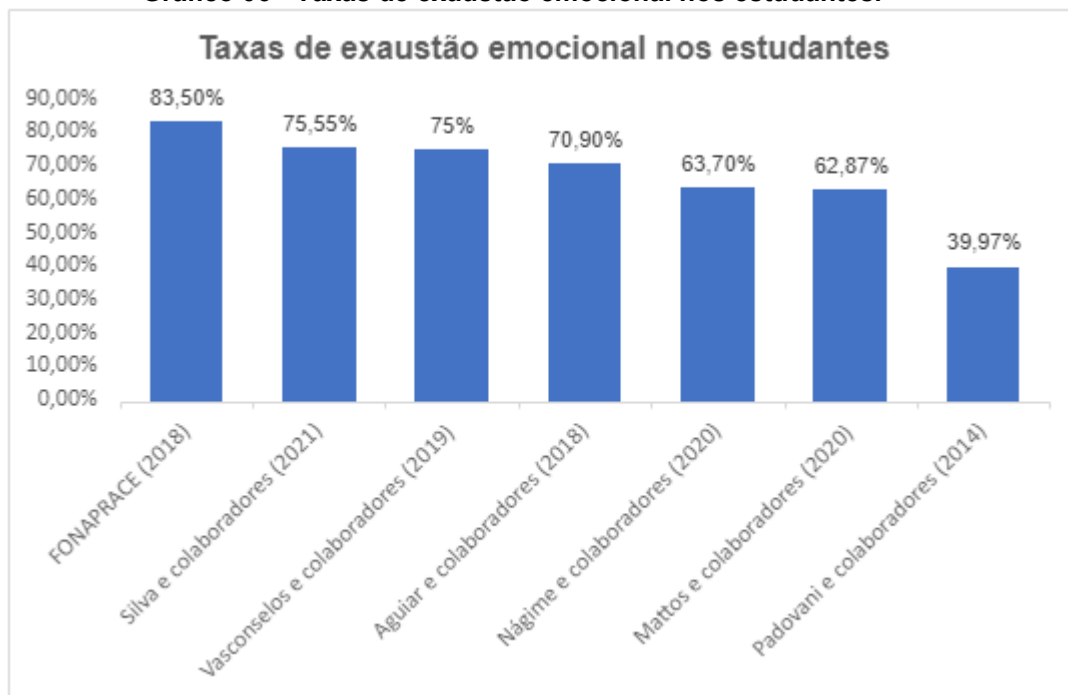
A partir do exposto, faz-se necessário uma observação crítica dos dados e uma busca por relacionar os diferentes artigos dentro do que trouxeram como resultado.

A primeira observação é sobre a interface e a relação da saúde do trabalhador entre os séculos anteriores e o atual. A partir dos estudos de Antunes & Praun (2015) e da figura 1, podemos constatar que do começo do século XX até a década de 1980 notava-se uma maior incidência de ocorrências físicas, como acidentes e doenças do trabalho e, principalmente a partir das últimas duas décadas, isso é, já no século XXI, percebe-se uma crescente nas doenças mentais do trabalho.

Isso não significa que os agravos físicos foram extintos, visto que se nota ainda uma incidência muito maior desses do que dos relacionados à transtornos da psique. Dado que pode ser comprovado tendo em vista as representatividades indicadas no gráfico 3. Esse gráfico evidencia ainda uma tendência de alta na representatividade futura dos auxílios-acidentários relacionados a problemas mentais. Desse modo, faz-se necessária a observação dos próximos relatórios elaborados pelo Ministério do Trabalho e Previdência com a finalidade de afirmar essas hipóteses e também de discussões a respeito de como minimizar tais questões.

Trazendo uma observação primária para a exaustão emocional nos universitários é possível notar resultados numéricos em seis artigos da quadro 10. A compilação desses pode ser vista no gráfico 06 indicado abaixo. Ainda, para efeitos de comparação, foi incluída a taxa de dificuldade emocional identificada pelo último relatório FONAPRACE (2018) disponibilizado.

Gráfico 06 - Taxas de exaustão emocional nos estudantes.



Fonte: Autor.

Ao trazer uma visão para o gráfico 06, nota-se que nenhum dos estudos científicos apresentou uma taxa maior que a identificada na enquete feita pela FONAPRACE.

O relatório da Andifes é apenas um levantamento, sem caráter científico, mas que serve como baliza geral da temática que identifica, leva em conta somente o questionamento de se o estudante teve dificuldades emocionais nos últimos 12 meses, não levando em conta todo o aspecto exaustivo e comprobatório dessa dificuldade como pilar do *Burnout*.

Nota-se também, que traçando um paralelo com o relatório elaborado em 2014, os estudos de Padovani e colaboradores (2014) vão de encontro à possível dimensão real da exaustão naquele momento.

A média de universitários emocionalmente exaustos encontrados na amostra de artigos escolhida foi de 52,29%, com o ano médio das publicações podendo ser considerado como 2019.

A grande discrepância entre os achados do FONAPRACE e os artigos pesquisados e mesmo entre esses artigos é um ponto relevante a ser observado e que pode indicar as dificuldades de mensuração do *Burnout*, ou mesmo a inconsistência dos conceitos considerados.

Observa-se que, no ambiente acadêmico, o graduando está exposto a altas cargas horárias, testes constantes e à pressão do mercado trabalhista, fatores que podem influenciar diretamente na exaustão emocional. Conforme indicam Mattos e colaboradores (2020), o aumento da exaustão emocional ocorre concomitante ao aumento da descrença. Essa, por sua vez, é responsável pela redução da eficácia estudantil. Os três fatores, quando combinados, resultam no *Burnout*.

Uma outra variável que pode ser considerada como protetiva para as incidências do *Burnout* universitário seria o ingresso no mercado de trabalho associado à graduação e em período reduzido. No Brasil isso se apresenta em alguns cursos, como nas engenharias, onde existe uma forte cultura de estágios.

A partir do 2º ou 3º ano da graduação os estudantes já podem concorrer às suas primeiras oportunidades dentro do mercado de trabalho e tal ingresso pode possuir uma associação positiva no que tange ao *Burnout* visto que, ao iniciar suas interações práticas, o estudante pode começar a ver mais sentido naquilo que está sendo estudado dentro da academia, mantendo níveis altos de Eficácia. Entretanto, vale considerar que, para tal comentário, o contexto de inserção do estudante deve ser visto individualmente a fim de se entender se realmente o trabalho está sendo carga ou fator protetivo.

Por fim, buscando uma análise das características do universitário acometido pela SB foram observadas algumas situações. Inicialmente se busca, a partir dos artigos analisados, a caracterização do universitário acometido pelo *Burnout* em cada um, representado pelo quadro 11.

Quadro 11 - Categorização do maioria universitária acometida pelo *Burnout* nos respectivos estudos.

Estudo	Características da maioria universitária acometida pelo <i>Burnout</i>
Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário (Padovani e colaboradores, 2014)	Mulheres cursando um dos 5 anos de medicina.
Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior (Castro, 2017)	Homem cursando o último ano de engenharia civil.
Síndrome de <i>Burnout</i> em estudantes de medicina de universidade da Bahia (Aguiar e colaboradores, 2018)	Homens solteiros, sem filhos, cotistas, não recebem ajuda financeira, não moram sozinhos, desempregados, cursando de 8 a 14 disciplinas e alocados entre o 5º e 8º período da graduação, sem experiência na área da saúde,

	insatisfeitos com o curso mas não pensando em desistir dele.
Fatores preditivos da Síndrome de <i>Burnout</i> em acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública * (Vasconcelos e colaboradores, 2019)	Mulheres solteiras, sem filhos, recebem ajuda financeira, não moram sozinhas, desempregadas, cursando o terceiro ano da graduação, não praticantes de atividade física e pensando em desistir do curso.
A ocorrência da Síndrome de <i>Burnout</i> em universitários de cursos da área da saúde de uma instituição privada na região Norte de Minas Gerais: um estudo transversal (Assunção e colaboradores, 2019)	Não é possível traçar uma maioria associando as três dimensões da SB.
Avaliação da Síndrome de <i>Burnout</i> entre estudantes do último ano de um curso de medicina do Brasil (Prado e colaboradores, 2019) ¹	Mulheres solteiras, recebendo ajuda financeira, cursando o sexto ano da graduação, com experiência na área da saúde, com participação em atividades de extensão universitária e praticantes de atividade física.
Prevalência da Síndrome de <i>Burnout</i> em estudantes de medicina da Universidade Vila Velha (Nágime e colaboradores, 2020)	Homens, cursando entre o 5º e 8º período de medicina e não praticantes de atividade física.
Saúde mental e vida universitária: desvendando <i>Burnout</i> em estudantes de psicologia (Silva e colaboradores, 2021)	Mulheres cursando o 3º período da graduação.
A Síndrome de <i>Burnout</i> entre estudantes universitários: uma investigação multivariada no bacharelado em administração de uma instituição federal de ensino superior na região Norte do Brasil (Mattos e colaboradores, 2020)	Os autores não trazem dados sociodemográficos que permitam a observação de uma maioria afetada pela SB.
Nível de <i>Burnout</i> em discentes do 10º semestre do curso de psicologia de uma universidade do interior paulista de Lima & Santos (2020)	Não foi possível encontrar o estudo completo de modo a permitir a observação de uma maioria afetada pela SB.
Cadetes da engenharia do quarto ano de formação da AMAN: indícios de presença da Síndrome de <i>Burnout</i> (Giarretta, 2016)	O autor não traz dados concretos a respeito da SB e seus afetados, apenas a “sugestão” de <i>Burnout</i> em homens cursando o último ano da graduação.

Fonte: autor

¹ O estudo de Prado e colaboradores (2019) não apresentou nenhum acometido pelo *Burnout*. Desse modo, a listagem na quadro deve ser considerada como de um indivíduo sem o desenvolvimento da SB.

Observando o quadro 11 e o resumo sociodemográfico dos estudos analisados nota-se que dos 11 artigos enquadrados, 1 apresenta resultados de estudantes não acometidos pela Síndrome e 7 apresentam resultados de estudantes acometidos, todos eles trazendo diferentes características.

Desses 7 estudos, observa-se uma predominância de resultados em homens (57%). De acordo com Mulato e colaboradores (2009) em seu estudo “A sexualidade

feminina e a síndrome de Burnout”, que traz uma visão da patologia associada à maior inserção feminina no mercado de trabalho:

“A síndrome de Burnout, neste contexto, aparece no sexo feminino, principalmente com maiores níveis de exaustão emocional, provavelmente consequência da jornada extensa e desgastante. **Apesar desse fato, elas não apresentam serem mais acometidas pela síndrome do que os homens na mesma função.**” (Mulato e colaboradores, 2009, grifo nosso).

As autoras ainda reforçam a cobrança social presente no sexo feminino indicando que, mesmo com jornadas extensas e desgastantes, as mulheres se cobram e são cobradas pela sociedade da responsabilidade de administração da casa, da rotina dos filhos e marido, da manutenção do casamento e da família como um todo.

Desse modo, observa-se nas mulheres um estressor a mais dentro de suas relações trabalhistas ou estudantis, visto a vivência encontrada juntamente ao machismo estrutural da sociedade. Todavia, esse estressor, conforme indicam Mulato e colaboradores (2009), não significa uma maior incidência de Burnout no sexo.

O mesmo resultado pode ser observado por Galán e colaboradores (2014) que buscaram investigar o *Burnout*, depressão e ideias suicidas em estudantes de odontologia. De acordo com os autores, a partir de sua análise multivariada, o gênero não teve influência significativa nem no *Burnout* nem em seus pilares.

Entretanto, no artigo “*Extracurricular activities associated with stress and Burnout in preclinical medical students*” de Fares e colaboradores (2019), foi notado pelos autores um indicador principal na variável sexo, sendo associada à maior incidência de SB nas mulheres. Os autores confirmam as conflitantes encontradas na literatura e citam que a maior incidência pode estar associada a uma possível percepção feminina de eventos desafiadores como “estressores”.

3 dos 7 estudos que apresentaram resultados em estudantes acometidos pela síndrome mostraram relação com o estado civil do pesquisado e, nesses 3 estudos, o estudante com a SB instaurada estava solteiro. Segundo Maslach (2007), é possível observar uma maior susceptibilidade ao *Burnout* no indivíduo solteiro em comparação ao casado e ao divorciado. Entretanto, segundo Benevides-Pereira (2002), não há associação entre menores incidências da SB e suporte social oriundo de relações afetivas saudáveis.

A autora ainda indica que um relacionamento mais satisfatório é mais decisivo do que simplesmente sustentar uma convivência duradoura com alguém. Tal sugestão pode levar-se a crer que o sujeito inserido em uma relação saudável possui maiores oportunidades de contato com um suporte social, trazendo um possível alívio para suas angústias esgotantes.

Estar empregado também aparenta ser uma característica importante na observação do *Burnout*. Em 2 dos 7 estudos que apresentaram resultados positivos à SB, nota-se a informação do emprego, sendo descritos os acometidos como “desempregados”. Tal característica pode estar diretamente associada à dimensão Eficácia Profissional/Eficácia Escolar, tendo em vista que o estudante está tão imerso em suas responsabilidades teóricas que não consegue encontrar associação prática naquilo que faz.

Deve ser observado também o emprego onde se está inserido. Para o estudante de alta renda o emprego pode ser visto como um simples estágio, feito em menor carga horária e para complementar o aprendizado da universidade. A bolsa é simbólica e o graduando não depende daquilo para sobreviver. Já para o estudante pobre o trabalho é fonte de renda, muitas vezes fazendo horas extras e sem associação ao curso escolhido. O salário é sobrevivência.

Nota-se assim duas vertentes diferentes, onde o emprego ao mesmo tempo pode ser considerado um fator protetivo e um fator desgastante. Há a necessidade de complementar os estudos com análises multivariadas dos empregos, áreas e renda de quem está trabalhando.

Ainda, Pompeu e Bandiera (2020), em artigo publicado na Revista da AJURIS, intitulado de “Quarta revolução industrial, síndrome de Burnout e os impactos negativos da automação: como conciliar crescimento econômico e desenvolvimento humano”, indicam que, os trabalhadores, ao longo dos anos, concorreram com os métodos de produção. Nos dias atuais, segundo os autores, a maneira mais eficaz de uma empresa buscar eficiência e lucro é flexibilizando os direitos trabalhistas. A partir de tal flexibilização o funcionário, para sustentar seu emprego, precisa aceitar condições diferentes daquelas previstas na CLT, uma evidência de tal feito pode ser encontrada no grande número de pessoas trabalhando como “Pessoa Jurídica” e com o trabalho terceirizado.

Nota-se então que estar empregado em 2022 pode significar abdicar dos direitos trabalhistas e aceitar as condições empresariais impostas. Para o

desempregado a pressão tende a ser ainda maior, uma vez que além da sua insatisfação interna ainda precisa bater de frente com as imposições do mercado. A combinação estressora intrínseca e extrínseca pode sugerir uma tendência maior à SB, que deve ser confirmada com análises multivariadas.

Trazendo a visão para as atividades físicas, encontra-se tal informação em 2 dos 7 estudos que trazem resultados afirmativos para a SB. Em ambos artigos, o indivíduo acometido não praticava atividade física.

De acordo com Farias e colaboradores (2019), em artigo publicado na revista *Pensar a Prática* que buscou relacionar a atividade física e a síndrome de *Burnout* em universitários, notam-se diversos estudos que demonstram a prevalência maioritária da síndrome nos sedentários quando comparados aos ativos. Pautando-se em estudos na medicina, os autores observaram que em todos eles a atividade física foi positiva na redução dos pilares Exaustão Emocional e Descrença e no aumento da Eficácia Profissional, com menores índices das dimensões da síndrome nos alunos mais ativos.

Outra observação possível de ser feita representa os estudantes que pensam, ou não, na desistência do curso. Nos 7 artigos listados com resultados positivos à SB, somente 2 trazem uma observação dessa característica. A distribuição das respostas dividiu os estudos pela metade, em 1 deles os estudantes não pensam em desistir enquanto em outro existem esses pensamentos.

Segundo Lopes e Guimarães (2016) em artigo publicado na revista *Psicologia: Ensino & Formação*, encontra-se na literatura resultados positivos de associação da Síndrome de *Burnout* com a desistência na graduação, como o desgaste emocional do estudante ao tentar se adaptar ao curso e a falta de conhecimento da realidade prática da profissão (Bardagi e Hutz, 2009; Tomaschewski-Barlem et al., 2013, 2014).

As autoras ainda complementam que, conforme sugere Carlotto & Câmara (2006), os estudantes que revelam ter pensado em desistir do curso possuem um maior distanciamento dos estudos e menor confiança naquilo que é ensinado, aumentando assim o fator Descrença.

Uma hipótese pode ser criada dentro da análise desistência/SB pode associar a dificuldade de ingresso no curso e a democratização do ensino como possíveis preditores da SB, uma vez que o estudo que sugeriu a existência de pensamentos de desistência foi em estudantes de enfermagem, enquanto o estudo que não sugeriu essa existência foi em estudantes de medicina.

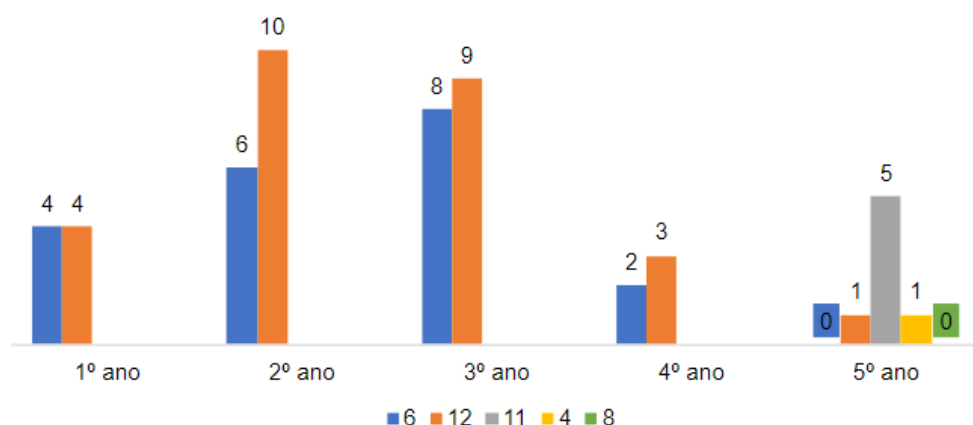
Sabe-se que, em nosso país, a concorrência para ingresso em uma graduação médica é muito alta, o que pode indicar que os estudantes, uma vez dentro da universidade, evitam pensar em desistir, tendo em vista os seus fatores preditivos ou até mesmo sua expectativa de futuro. Diferente disso, com a facilitação do acesso ao ensino superior e às possibilidades de financiamentos nota-se uma possível “muleta” para a ideia de desistência, visto que desistir do curso “x” pode ser uma porta que se abre para o curso “y”.

Cabe, com isso, uma observação da associação da desistência e a SB em cursos menos concorridos e também na medicina, a fim de confirmar ou refutar a hipótese associadora de “facilidade” de ingresso com tendência à desistência.

Por fim, observa-se a temporalidade da incidência da SB na graduação, buscando encontrar nos estudos o período onde o discente estava no momento em que foi acometido pela Síndrome. Dos 11 artigos enquadrados, 8 apresentam resultados que associam positiva ou negativamente a SB com o ano ou período cursado e, desses 8, 5 apresentaram resultados assertivos no que tange ao ano de graduação. O gráfico 07 mostra, nos estudos do quadro 10, onde o dado é claramente apresentado, a relação do ano da graduação com a incidência da SB.

Gráfico 07 - A evolução temporal dos casos de *Burnout* identificados nos estudos do quadro 10.

Número de casos de SB em relação ao ano da graduação.



Fonte: Autor.

O gráfico 06 busca associar o número do artigo incluído no quadro 10 com a incidência da Síndrome de Burnout ao longo do curso. Deve-se atentar que, para o

estudo número “6”, o valor do 5º ano foi nulo pois tal artigo possui enfoque em alunos do curso de enfermagem, que possui 4 anos de duração.

A distribuição gráfica encontrada permite a observação de uma possível tendência à maior incidência de SB nos anos intermediários da graduação em comparação aos iniciais e finais.

Tal fator que vai contra algumas literaturas já existentes, como Carlotto & Câmara (2006) que afirmam que quanto mais recente fosse o ingresso ou mais avançado fosse o período cursado, menor seria a subescala exaustão emocional (reduzindo também a incidência da SB).

A hipótese dos autores pode ser associada aos acontecimentos ocorrentes em cada etapa sugerida por eles: o ingresso na universidade é tratado como momento de novidade e de interação com o novo ambiente, por outro lado, o final do curso é tratado como momento de entrada na carreira profissional, quando as grades vão ficando mais enxutas e o foco é dado ao trabalho, possibilitando uma maior satisfação profissional e menor exaustão emocional.

Lopes e Guimarães (2016), observando altos índices de Exaustão Emocional e Descrença nos períodos intermediários, sugerem que nessas épocas o estudante inicia suas aplicações práticas e a insatisfação com essas pode ser considerada um estressor para geração de dúvidas sobre o curso escolhido e para com o distanciamento dos estudos.

Desse modo, nota-se uma possível maior associação à SB em anos intermediários, tempo de indecisão e experiência prática com o curso escolhido nos alunos. A figura 02 mostra uma tirinha feita pela página Engenheiro Sincero que mostra um “limbo temporal” nos alunos nos períodos intermediários, não sabendo associar ao certo qual o sentimento daqueles.

Figura 02 - Tirinha que mostra a “felicidade” dos estudantes no início e no final do curso, nota-se um desconhecido nas fases intermediárias.



Fonte: Engenheiro Sincero (2021) em adaptação à Ronchi (2013).

Sugerindo essa suposta maior incidência de *Burnout* nos anos intermediários da graduação, nota-se ainda um resultado bem importante para o estudo de número 11, que tratou o *Burnout* em estudantes do 10º semestre de psicologia. O número de casos apresentado graficamente, associado à suposição de maiores representatividades da SB nos anos intermediários, abre caminho para a hipótese de que, na pesquisa em questão, os valores de *Burnout* nos anos anteriores poderiam até extrapolar os resultados das pesquisas 6 e 12.

Essa temporalidade da SB, como ensaio de resposta provisório e refutável, pode ser explicada por uma narrativa de que o estudante ingressa na academia animado com as novas pessoas que está conhecendo, as novas realidades e os novos desafios. Nos primeiros anos o graduando passa por uma fase mais adaptativa, com algumas matérias mais elementares e sem muita pressão do mercado de trabalho. Com o tempo, as exigências universitárias, do mercado e dificuldades emocionais aparecem. Sabe-se que a dificuldade emocional é um dos desencadeadores da descrença nos acadêmicos e então nota-se um estudante sustentado somente pela sua auto eficácia. Entretanto, nos anos médios, essa eficácia pode ser diretamente afetada pela não projeção de futuro naquilo que está sendo feito ou por alguma experiência prática negativa. Esse momento de insegurança do estudante, buscando, sem resultados, respostas para suas perguntas

internas faz com que a graduação seja tratada cada vez com mais cinismo. É nesse instante que os alunos mais exauridos e descrentes de si e das suas atividades acadêmicas são afetados pela SB.

A menor eficácia acadêmica, pilar da SB, é também, segundo Bueno (1993), um dos pilares da evasão dos alunos. Por conta disso, supõe-se ainda que, dos alunos afetados pela SB, alguns abandonam o curso nos períodos intermediários enquanto outros, por pressões externas ou saberem que estão tendo somente uma chance, continuam até o final.

Estar finalizando uma graduação pode também ser sinônimo de ingresso mais facilitado no mercado de trabalho, tendo em vista que muitos estágios são oferecidos somente para estudantes nos anos finais do curso. Essa inclusão no mercado faz com que o aluno comece a encontrar sentido nos seus estudos, aumentando sua eficácia pessoal e, por mais que exausto, compensando os outros dois pilares e aguentando o *tranco* final.

Tal narrativa pode explicar a baixa incidência de SB nos estudantes dos estudos “Avaliação da Síndrome de *Burnout* entre estudantes do último ano de um curso de medicina do Brasil” (Prado e colaboradores, 2019) e “Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior” (Castro, 2017), supondo que aqueles alunos acometidos pela SB já desistiram das suas graduações.

Trazendo um contraste com a pesquisa de Giaretta (2016), pode-se supor ainda que os quase formandos em ambiente militar, mesmo exaustos e com indícios claros de *Burnout*, não desistem. Com isso, outra hipótese observada, provisória e refutável, é de que essas instituições militares carregam, mesmo no final de suas formações, pessoas com altos índices da Síndrome.

Por outro lado, cria-se ainda uma hipótese mais positiva, de que os alunos em instituições civis, e nas fases finais do curso, encontram-se motivados para finalizar a graduação. Tal fato pode ser considerado pois muitos alunos já possuem boas visões de futuro, aumentando a satisfação pessoal e, mesmo que exaustos emocionalmente, evitando o *Burnout*.

Cabe ainda uma crítica aos estudos focados nos estudantes em fases finais do curso, visto que esses supostamente não trazem o verdadeiro panorama da Síndrome de *Burnout* nos universitários e se reforça a necessidade de pesquisas com

análises multivariadas das condições pessoais e escolares passadas pelos universitários.

5. ANÁLISE E COTEJAMENTO ENTRE ACHADOS EMPÍRICOS E A TEORIA DA DETERMINAÇÃO SOCIAL DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA.

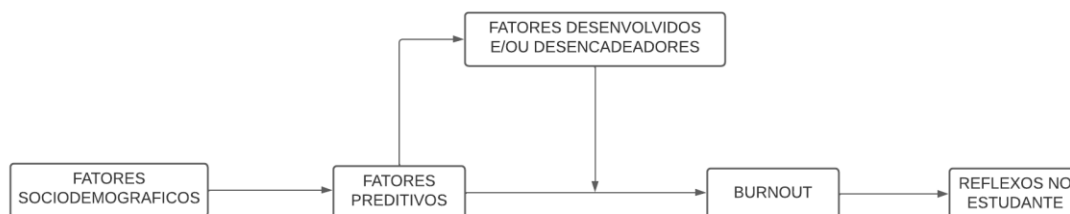
Buscaremos nessa fase do trabalho fazer uma aproximação entre os achados mais importantes dos estudos empíricos avaliados, os artigos brasileiros sobre *Burnout* em universitários e uma teoria explicativa da relação entre as esferas universais da economia e da política incidindo e determinando as ocorrências de saúde/doença na população geral e em grupos particulares, a Teoria da Determinação Social do Processo Saúde-Doença.

Como vimos, essa teoria permite explicar as cargas e desgastes de trabalho, próprios de cada categoria profissional, partindo de conceitos gerais como classe social e renda. Níveis de desenvolvimento político, como as relações sociais de produção, também são pontos considerados na avaliação.

Nosso estudo considera estudantes universitários como sendo aproximadamente uma categoria profissional, de profissionais em formação, cada vez mais atravessados pelas cobranças do mercado, isso é, cada vez mais próximos de serem antecipados como mão de obra barata, na forma de estágios, por exemplo.

A fim de observar outras associações ou fatores preditivos ao *Burnout*, foi montada a figura 03 abaixo, que mostra um fluxo de instauração da síndrome no universitário.

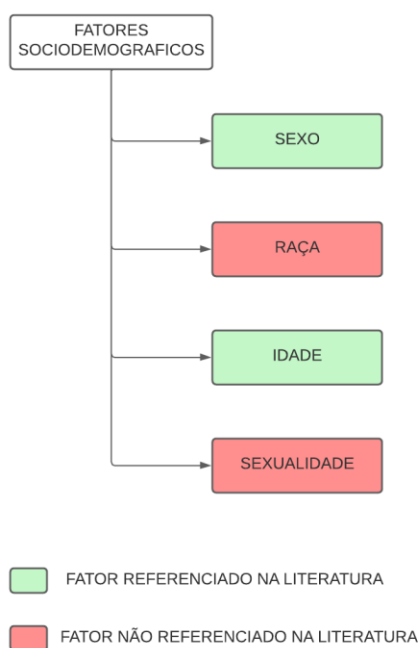
Figura 03 - Fluxo de instauração da Síndrome de *Burnout* no estudante universitário.



Fonte: autor.

É possível abrir os itens “Fatores Sociodemográficos”, “Fatores Preditivos”, “Fatores Desenvolvidos e/ou Desencadeadores” e “Reflexos no Estudante” conforme as figuras 04, 05, 06 e 07 indicadas abaixo.

Figura 04 - Fatores Sociodemográficos observados na incidência do *Burnout* universitário.



Fonte: Autor.

Ao se trazer uma visão aos fatores sociodemográficos de cada sujeito, enunciados pela figura 04, pode-se dividir em quatro subclasses iniciais: sexo, raça, idade e sexualidade. Nota-se a existência de fatores não referenciados na literatura, uma vez que os mesmos são propostos pelo autor para estudos futuros, com base numa interpretação da Teoria da Determinação Social do Processo Saúde-Doença, segundo Laurell. Ao termo raça também cabe uma observação, uma vez que a melhor terminologia genealogicamente associativa seria “ETNIA”, mas a fim de respeitar a classificação estatística, de órgãos como IBGE, e de posicionamento, como do Movimento negro, considerou-se como “RAÇA”.

Dessas quatro, foi possível encontrar referências literárias nos estudos lidos de duas: idade e sexo (Aguiar e colaboradores, 2018; Castro, 2017; Padovani e colaboradores, 2014; Vasconcelos e colaboradores, 2019; Prado e colaboradores, 2019; Nágime e colaboradores, 2020; Silva e colaboradores, 2021; Giaretta, 2016; Assunção e colaboradores, 2019). Nota-se também uma imprecisão na maneira de se observar o *Burnout* nessas subclasses, visto que diferentes estudos em diferentes populações apresentam diferentes opiniões sobre idades ou sexos mais afetados pela

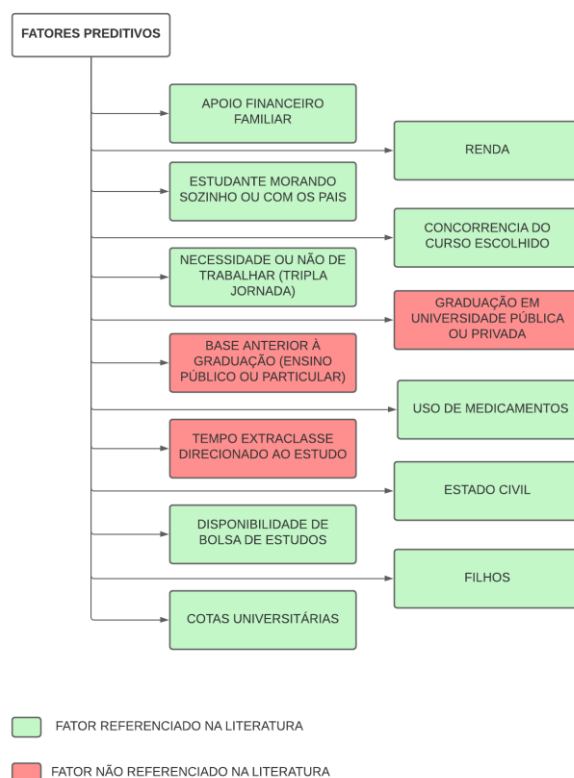
Síndrome. (Carlotto e colaboradores, 2006; Silva e colaboradores, 2021; Lopes e Guimarães, 2016; Mulato e colaboradores, 2009).

As outras duas subclasses não foram encontradas na literatura observada até aqui e estamos propondo, a partir do cotejamento entre as classificações encontradas nas pesquisas empíricas e a teoria exposta pela Laurell, que precisam ser observadas em estudos futuros a fim de se elevar o poder explicativo das análises e de entender as diferentes manifestações da síndrome em cada uma delas.

Fatores como raça e sexualidade tem extrema importância para explicar adoecimentos e mortes no Brasil. O racismo estrutural é um conceito chave para qualquer tema que trate de brasileiros. Assim, a ausência dessa variável nos estudos em tela demonstra um problema grave na análise ali realizada.

A sexualidade/gênero também tem importância explicativa, especialmente nas faixas etárias mais jovens. O feminicídio e os assassinatos frequentes de pessoas trans deveriam por si só colocar esse tema como um dos elementos relevantes para estudar sofrimento mental de universitários.

Figura 05 - Fatores Preditivos observados na incidência do *Burnout* universitário.



Fonte: Autor.

Em observação aos fatores preditivos nota-se o encontro de diversos deles na literatura, cabendo ainda comentários sobre alguns deles, visto as diferentes interpretações possibilitadas pelas leituras. É possível inferir, a partir da análise dos fatores não referenciados, uma lacuna teórica no quesito educacional, visando entender o histórico do estudante e a sua aptidão atual para a graduação.

Trazendo o olhar para a base anterior à graduação, cabe a observação à privatização do ensino nacional e a precariedade do ensino público, itens que cada vez mais elitizam as universidades públicas e tornam o acesso à elas altamente concorrido.

A modalidade da graduação, por sua vez, pode ser também um estressor. Notam-se no Brasil muitas diferenças entre universidades e cursos da graduação, sendo possível encontrar o mesmo curso sendo aplicado com diferentes cargas horárias e grades por diferentes instituições. Por exemplo, um aluno na rede pública pode ter dias com até 8 horas de aulas, em período integral, enquanto os da rede privada podem ser colocados perante 4 horas, em meio período.

Os artigos estudados também podem trazer uma certa base para a observação da maneira como o ensino público ou privado afeta a vida dos estudantes. Pode-se, desse modo, abrir a comparação entre os estudos “Avaliação da Síndrome de *Burnout* entre estudantes do último ano de um curso de medicina do Brasil” (Prado e colaboradores, 2019) e “Síndrome de *Burnout* em estudantes de medicina de universidade da Bahia” (Aguiar e colaboradores, 2018). O primeiro deles, realizado em universidade particular, apresenta um resultado de 0% de representatividade de *Burnout* nos indivíduos. Enquanto o segundo, realizado em universidade pública, mostrou uma incidência da Síndrome em 19,6% dos estudantes.

Os estudos acima, comparando o curso de medicina em faculdade privada e pública mostra a falta que faz o conceito de renda e de classe como determinação mais geral, que pode ter poder explicativo maior do que os determinantes particulares alinhados pelos questionários que investigam o *Burnout*. Cabe aqui um apontamento em caráter inicial, que sugere a necessidade de pesquisas que o confirmem, mas o fato das faculdades privadas de medicina terem mensalidades muito acima do que o salário de 90 ou 95% da população mostra que o segmento de estudantes dessas faculdades se encontra, muito provavelmente, no segmento da classe patronal, ou do proletariado com altos salários. Assim, a ocorrência de vários dos determinantes de

Burnout ficam subsumidos à determinação geral, social, do processo de saúde-doença.

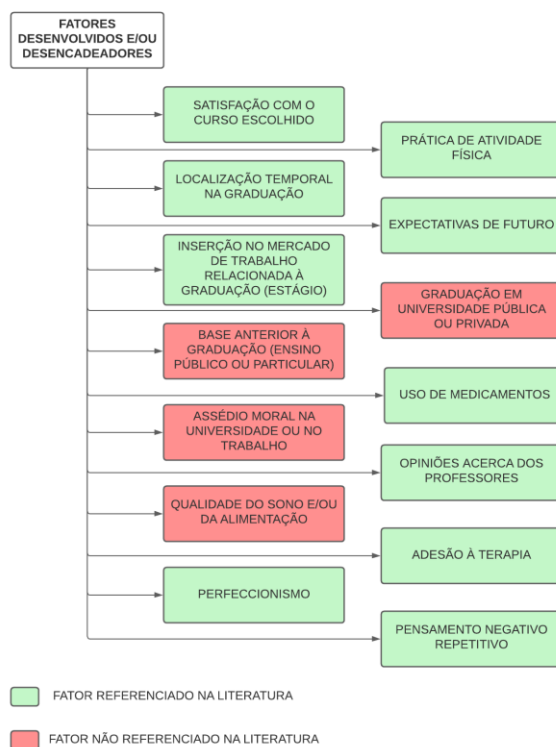
Ainda na área médica, cabe um importante comentário sobre o “CONCORRÊNCIA DO CURSO ESCOLHIDO”, uma vez que tal indicador não fica implícito no artigo de onde foi referenciado (Aguar e colaboradores, 2018). O estudo em questão observou o *Burnout* em estudantes de medicina, curso que nacionalmente possui uma alta cultura de exigência desde a aprovação no vestibular. Pode-se supor, a partir disso, uma possível associação da Síndrome com a dificuldade de ingresso na graduação

Ao mesmo passo, o tempo extraclasse destinado ao estudo pode se apresentar também como um fator importante na observação da SB. A possível resposta cabe de ser analisada na maneira como o estudante com mais tempo despente sua atenção nas atividades acadêmicas, aumentando sua assimilação e também possibilitando uma maior eficácia nos estudos. Nota-se, desse modo, uma certa “proteção” da SB naqueles estudantes que conseguem focar nos estudos extraclasse.

Os fatores aqui apontados como escola e faculdade pública ou privada, bem como o tempo possível para estudos extra-classe apresentam uma centralidade para a teoria da Determinação Social, uma vez que os custos de manutenção da vida e dos estudos é crucial para a ampla maioria da população trabalhadora e os seus filhos. Desconhecer esses aspectos e investigar o *Burnout* de forma a-histórica e a-política implica em erros teóricos e vieses explicativos nos quais os estudos empíricos analisados parecem se encontrar todos.

A falta da teoria que organize os diversos conceitos num sistema que forme uma totalidade coerente mostra limites sérios das pesquisas empíricas na medida em que entram em esferas atravessadas pelas determinações históricas, políticas e econômicas, como é o caso dos processos de sofrimento e adoecimento humanos.

Figura 06 - Fatores Desenvolvidos e/ou Desencadeadores observados na incidência do *Burnout* universitário.

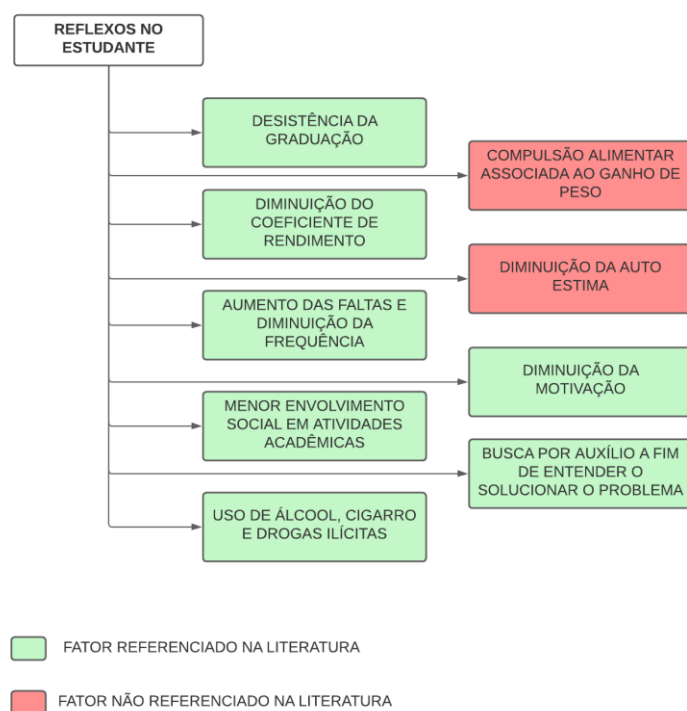


Fonte: autor.

Pensando nos “Fatores Desenvolvidos e/ou Desencadeadores” nota-se uma repetição de alguns itens já observados nos “Fatores Preditivos”. Tal fato se dá pela relação de que os itens repetidos podem não ser estressores somente no ingresso da graduação, mas também durante seu percurso.

Como novos itens não referenciados na literatura é possível encontrar o assédio moral, muitas vezes enfrentado pelos alunos dentro das instituições por parte dos professores ou no trabalho, e a qualidade do sono e da alimentação, que pode ser um ponto importante na manutenção da qualidade de vida dos acadêmicos.

Figura 07 - Reflexos deixados no estudante acometido pelo *Burnout* universitário.

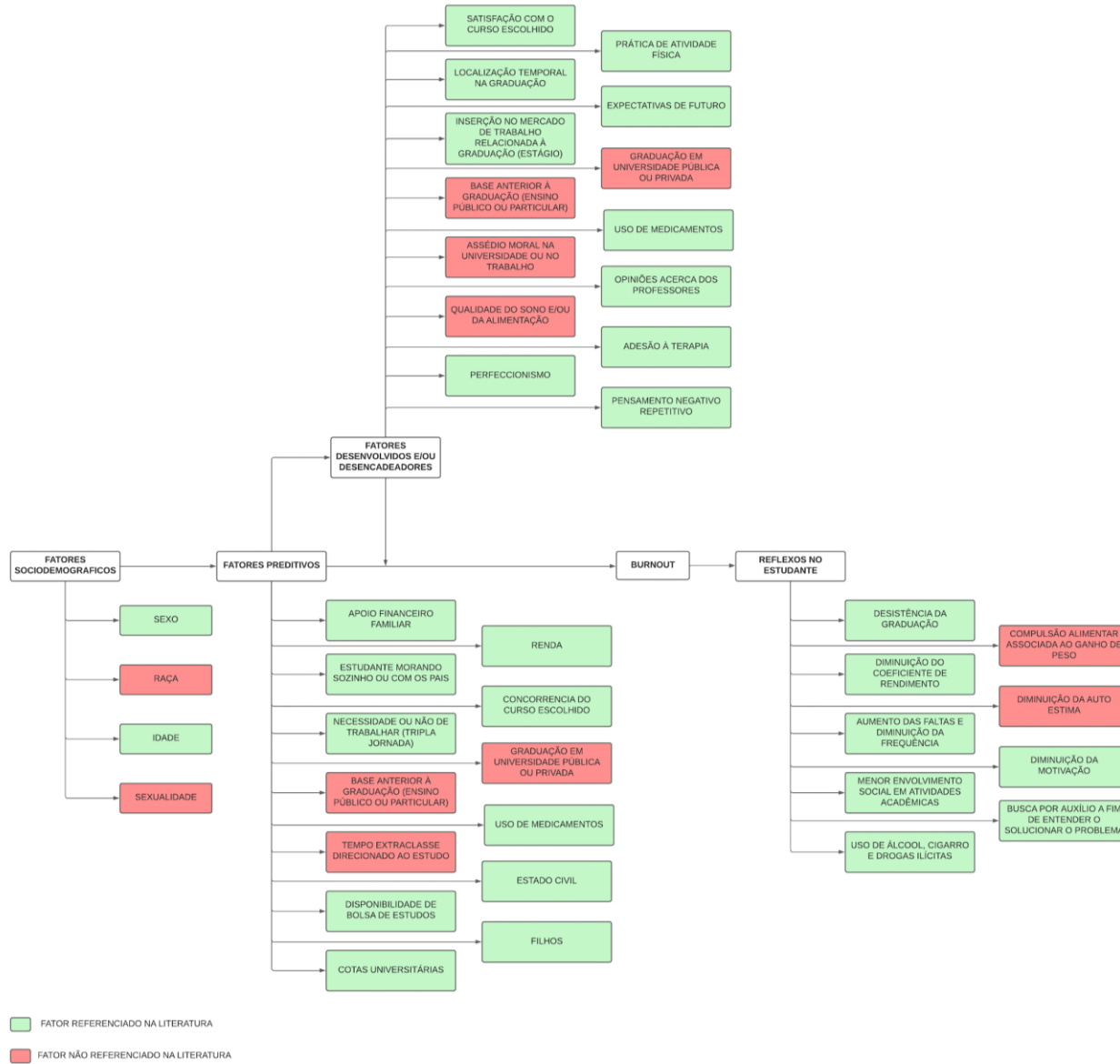


Fonte: Autor.

Por fim, cabe pela figura 07 a observação dos reflexos causados pela Síndrome de *Burnout* no universitário, alguns deles afetando a relação do estudante com os estudos, outros afetando sua relação com si mesmo e outros afetando sua relação com o ambiente social externo.

A partir do exposto, juntando os achados dos estudos empíricos aos acréscimos feitos pelo cotejamento com a Teoria da Determinação Social, torna-se possível a montagem de uma “árvore”, denominada “Árvore SeFerRamos”, de causalidades pessoais e externas da Síndrome para com o graduando, mostrada na figura 08.

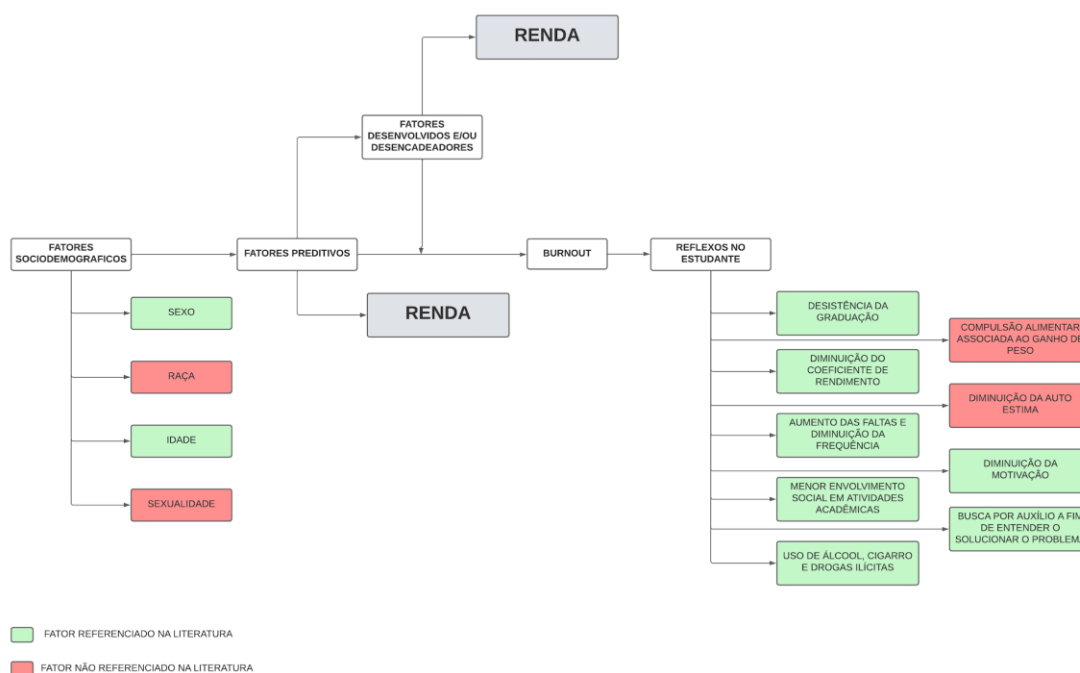
Figura 08 - Árvore Se FerRamos, esquema que busca indicar os fatores associados à Síndrome de *Burnout* universitária.



Fonte: Autor.

Trazendo a visão para os fatores apontados pela figura 08 e pelas conclusões tiradas por Laurell (1982) da formação social do processo saúde-doença, pode-se abrir um caminho para a observação de como a renda afeta a vida de cada estudante. É possível sintetizar todo o modelo de estudo com uma análise e observação central, focada na classe social e condição financeira do graduando e da sua família, conforme indica a figura 09.

Figura 09 - Árvore Se FerRamos com a sugestão teórica, pautada em Laurell, de influência da renda na vida do estudante.



Fonte: Autor.

Nota-se, desse modo, a renda como um protetor do estudante universitário. Aqueles com melhores condições financeiras desde cedo são capacitados para entrar nas melhores universidades, estudando em colégios particulares, desenvolvendo outras línguas, não precisando pensar em trabalho, não precisando contar com cotas, bolsas ou programas de financiamento estudantil, não sendo pressionados para ingressar numa universidade pública (visto disponibilidade familiar em bancar uma privada), entre outros.

O graduando rico ainda ingressa na universidade podendo focar somente naquilo, tendo um tempo livre em casa para direcionar ao estudo e para o seu próprio lazer, seja com os amigos ou seja com hobbies pessoais. Esse estudante, no caso de uma condição psicopatológica, ainda possui recursos financeiros para buscar entender o seu problema, seja por meio de terapias ou até mesmo de consultas psiquiátricas. Ainda, quando trazemos a visão interna ao curso, a pessoa com maior aporte financeiro muitas vezes tem a opção de “tentar novamente”, ou seja, caso não goste do que está cursando, pode buscar o diálogo com a família e até mesmo com a instituição de ensino nas universidades privadas, buscando se encontrar e trilhar um novo caminho pelo assunto de maior interesse.

Ao mesmo passo, o estudante de origem pobre desde cedo precisa frequentar um ensino público sucateado, muitas vezes começando a trabalhar antes mesmo de concluir seus estudos (isso quando são concluídos) buscar uma língua estrangeira também pode ser visto como algo utópico. O contato desde cedo com a violência e com o tráfico de drogas se mostra também como um outro degrau a ser superado por aquele cidadão e a escalada capitalista meritocrática vai ficando cada vez mais difícil.

Com o ingresso na universidade, esse estudante não consegue focar somente no seu estudo, muitas vezes precisando de uma tripla jornada, trabalhando em dois períodos e estudando em um, para manter a condição básica de vida. Essa condição pessoal da tripla jornada deve ser uma crítica não somente ao sistema capitalista, mas também à universidade que, muitas vezes, traz cursos em período integral. Num país como o nosso, onde a desigualdade social é evidente, incluir cursos de graduação em período integral é uma atitude ainda mais dificultosa para o ingresso e manutenção do estudo do cidadão pobre.

Caso opte por uma universidade mais flexível, podendo exemplificar como uma privada em período noturno, o estudante precisa trabalhar de manhã e à tarde e logo próximo dos seus 20 anos de idade se comprometer com um financiamento estudantil extenso. Observando tal situação o pensamento que cabe é: qual tempo livre essa pessoa tem para o estudo? Qual tempo livre ela tem para aperfeiçoar o conhecimento obtido em sala? Ainda, qual o tempo livre que essa pessoa possui para si?

Trazendo a visão para a jornada estudantil dessa pessoa, podemos buscar observar como seria a atitude pessoal no caso de uma insatisfação com o curso escolhido. De que maneira o estudante consegue interpretar o fato de passar dois anos em uma graduação que não gostou e recomeçar, pensando em todas as

mensalidades já pagas e nas novas que estarão por vir. Toda graduação envolve muito sacrifício e investimento afetivo.

Pode-se supor que, no caso dos mais pobres, a insatisfação com o curso é sinônimo de desistência, abrindo um processo de aceitação da condição de proletário explorado e “largando mão” dos estudos.

O graduando pobre que insiste nos estudos fica cada vez mais exposto às cargas mentais, dorme cada vez menos e se esgota muito mais rapidamente. Nessa pessoa a observação de patologias psíquicas também não passa de mais um problema entre diversos outros, muitas vezes não tendo apoio também para tratamento daquilo.

A instauração do Burnout universitário, no estudante pobre ou no estudante rico, deve ser interpretada de maneiras diferentes. Nota-se, a partir do exposto, que não se pode comparar a jornada de alguém de origem pobre e periférica que possui renda familiar mensal inferior à R\$ 3.000,00 com alguém de origem média/alta com rendas familiares mensais superiores à R\$ 20.000,00. Existem grandes disparidades de realidade e de condições sociais (racismo estrutural, desigualdades sociais, acesso ao saneamento básico, saúde alimentar, etc) que irão levar a diferentes realidades e diferentes jornadas.

O entendimento da realidade deve ser ainda uma maneira de olharmos criticamente para os altos cargos das empresas e entender como a pessoa que está lá traçou o seu caminho, será que encontraremos uma pessoa de origem pobre, que veio da favela e ficava fora de casa mais de 16h por dia para frequentar uma universidade e trabalhar ou será que encontraremos uma pessoa de origem rica, que se desenvolveu pessoalmente de maneira muito mais facilitada durante o período universitário?

A figura 10 representa uma charge de MOISESCARTUNS (2020) sobre a escalada meritocrática observada no nosso país.

Figura 10 - Charge representativa da situação meritocrática universitária nacional.



Fonte: MOISESCARTUNS, 2020.

Ainda, Klein e Carmo (2019) argumentam, em artigo “I never thought this could be for me”: aspirational capital, identities, and political engagement among first-generation college students in São Paulo’ que observa os primeiros passos políticos e identitários de jovens estudantes em São Paulo, que diversos estudantes, ativa e criticamente, desafiam todos os dias as opressões sociais a fim de criar novas possibilidades de vida que busquem reduzir as desigualdades.

Enuncia-se, desse modo, a impossibilidade de pensar em *Burnout* universitário sem associar o processo social da Síndrome instaurada nessa população. Abre assim espaço à crítica aos estudos empíricos não embasados em uma teoria consolidada, buscando somente um levantamento estatístico numeral de uma população social e a sugestão de uma pesquisa pautada nas diversificadas realidades nacionalmente visíveis.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, nota-se que todo estudante universitário se encontra imerso na Sociedade do Cansaço de Han (2021), tal sociedade é também a Sociedade do *Burnout* e cada vez mais deixa seus habitantes exaustos, descrentes e sem acreditar no seu trabalho. Observa-se também que há um processo social na geração do *Burnout* dentro do ambiente universitário. Tal conclusão deve nos levar a uma nova visualização perante os estudos realizados, buscando para os próximos caracterizar os afetados pela síndrome também a partir da renda familiar. Tal caracterização pode ser de grande importância na montagem de um futuro perfil patológico dos graduandos e na busca por maneiras de intervir no problema.

O papel principal de suporte social ao universitário deve partir do Estado, a fim de remover os degraus pseudo-meritocráticos e colocar o estudante pobre e o rico em um nível de igualdade, seja de conhecimento, oportunidades ou até mesmo reorganizando o processo do trabalho de modo que respeite as individualidades sociais.

A universidade também possui grande responsabilidade nisso tudo, adequando suas grades horárias a fim de entender as necessidades dos alunos mais pobres e instruindo, informando e difundindo uma cultura de saúde mental para os estudantes: programas sociais psicoterapêuticos, contato com atividades físicas (treinos abertos, academias públicas, etc) palestras e rodas de conversa podem ser alternativas para difundir essa cultura dentro do ambiente acadêmico.

Buscar entender o *Burnout* e sua formação psíquica e social é de suma importância para encontrar as melhores maneiras de tratar a síndrome e suas consequências.

Em termos de experiência de pesquisa, podemos concluir que o percurso aqui percorrido se deu num crescente grau de complexidade e poder explicativo. Iniciado com a abordagem filosófica de Han, depois criticada e avançando para compreender o estado atual das pesquisas científicas no Brasil e, por último, identificando uma teoria: a Determinação Social do Processo Saúde-Doença.

A compreensão inicial do *Burnout* em universitários no Brasil poderá ser melhor desenvolvida em estudos futuros, aprofundando a sistematização das pesquisas empíricas do nosso país e de outros, bem como buscando novas conexões e

desencontros entre os achados empíricos e a teoria exposta. Ainda, deixamos aberto e desperto o interesse em transformar o Trabalho de Conclusão de Curso em um Projeto de Pesquisa para o Mestrado.

7. REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. L. B., AGUIAR, M. C. M., & MERCES, M. C. (2018). Síndrome de Burnout em estudantes de medicina de universidade da Bahia. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(2), 267-276. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpdsv7i2.1893>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

ALMEIDA LA; MEDEIROS IDS; de BARROS AG; et al. Fatores geradores da Síndrome de Burnout em profissionais da saúde. *Rev Fund Care Online*. 2016 jul/set; 8(3):4623-4628. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i3.4623-4628>. Acesso em: 23 de Maio de 2022.

ANTUNES, R., PRAUN, L. (2015). A sociedade dos adoecimentos no trabalho. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 123, p. 407-427. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.030>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

ASSUNÇÃO, D., GONÇALVES, F., ANDRADE, A., GONÇALVES, F., ROCHA, J. (2019). A ocorrência da Síndrome de Burnout em universitários de cursos da área da saúde de uma instituição privada na região Norte de Minas Gerais: um estudo transversal. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, Salvador, v. 18, n.1, p.15-20. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/cmbio.v18i1.27685>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

BUENO, J. L. O. (1993). A evasão de alunos. *Revista Paidéia*, Ribeirão Preto, n. 5, p. 9-16. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1993000200002>. Acesso em: 19 de Novembro de 2021.

CASTRO, V. R. (2017). Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. *Revista Gestão em Foco*, ed. 9, p. 380-401. Disponível em: [043_saude_mental.pdf\(unisepe.com.br\)](043_saude_mental.pdf(unisepe.com.br)). Acesso em: 05 de Novembro de 2021.

CAVALCANTI, S. R. (2020). Uma análise do impacto do Burnout na motivação de estudantes do ensino superior. São Paulo, Dissertação de Mestrado. Disponível em: [fulltext.pdf\(fei.edu.br\)](fulltext.pdf(fei.edu.br)). Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

CORBANEZI, E. (2018). Sociedade do Cansaço. Resenha, *Revista Tempo Social*, v. 30, n.3, p. 335-342. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.141124>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

DEJOURS, C., BÈGUE, F. (2010). *Suicídio e Trabalho - O Que Fazer?* Distrito Federal: Editora Paralelo 15.

DUARTE, K. M. A. V., MELO, V. S., OLIVEIRA, R. S.. O papel do engenheiro civil como gestor de pessoas em obras: Um estudo de caso. *Journal of Perspectives in Management - JPM*, 3(1), p. 17-28. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/jpm/article/viewFile/242926/33556>. Acesso em: 19 de Junho de 2022.

EHRENBERG, A. (2004). Depressão, doença da autonomia? Entrevista de Alain Ehrenberg a Michel Botbol. Revista Ágora, v. VII (1), p. 143-153. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000100009>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA. (2020). Ansiedade, abuso de álcool, suicídios: pandemia agrava crise global de saúde mental. Informe. Disponível em: [Ansiedade, abuso de álcool, suicídios: pandemia agrava crise global de saúde mental \(fiocruz.br\)](https://www.fiocruz.br/ansiedade-abuso-de-alcool-suicidios-pandemia-agrava-crise-global-de-saude-mental). Acesso em: 13 de Novembro de 2021.

ESPINOSA, L., GRECO, B., PENCHASZADEH, A. P., et. al.. *¿Por qué (no) leer a Byung-Chul Han?*, Ubu Ediciones. (2018). Disponível em: [PDF\) Libro Por qué no leer a Byung-Chul Han? | Ana Penchaszadeh and SENDA SFERCO - Academia.edu](https://www.academia.edu/38484844/Byung-Chul_Han_-_Ana_Penchaszadeh_and_SENDA_SFERCO). Acesso em: 03 de Junho de 2022.

FARES, J., SAADEDDIN, Z., AL TABOSH, H., et al. *Extracurricular activities associated with stress and Burnout in preclinical medical students* (2015). *Journal of Epidemiology and Global Health*, 2016, v. 6, pp. 177-185. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jegh.2015.10.003>. Acesso em: 23 de Maio de 2022.

FARIAS, G. O., MOTA, I. D., MARINHO, A. P. R., BOTH, J., VEIGA, M. B.. RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADE FÍSICA E SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: REVISÃO SISTEMÁTICA (2019). Revista Pensar a Prática, Goiânia, v. 22, pp. 1-15. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.52184>. Acesso em: 23 de Maio de 2022.

FONAPRACE. II Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior. (2004). Disponível em: [fonaprace.indd \(andifes.org.br\)](https://www.fonaprace.org.br/andifes.org.br). Acesso em: 09 de Novembro de 2021.

FONAPRACE. IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras. (2014). Disponível em: [Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES 2014.pdf \(andifes.org.br\)](https://www.fonaprace.org.br/andifes.org.br/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES-2014.pdf). Acesso em: 09 de Novembro de 2021.

FONAPRACE. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES. (2018). Disponível em: <http://www.fonaprace.org.br/andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2019/06/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioeconmico-dos-Estudantes-de-Graduacao-das-U.pdf>. Acesso em: 09 de Novembro de 2021.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. (2014). Rio de Janeiro: Editora Vozes.

GIARETTA, A. G.. Cadetes da engenharia do quarto ano de formação da AMAN: indícios de presença da Síndrome de *Burnout*. (2016). Trabalho de conclusão de curso. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/1/1172>. Acesso em: 12 de Novembro de 2021.

HAN, B. C.. Sociedade paliativa: a dor hoje. (2021). 1º ed.. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

HAN, B. C.. Sociedade do cansaço. (2017). 2º ed.. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

HAN, B. C.. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca (2021). Artigo no jornal El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html>. Acesso em: 13 de Novembro de 2021.

LAURELL, A. C.. *La salud-enfermedad como proceso social*". (1982) *Revista Latinoamericana de Salud*, pp. 7-25. Trad. E. D. Nunes. Disponível em: https://unarus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/6126/mod_resource/content/1/Conteudo_on-line_2403/un01/pdf/Artigo_A_SAUDE-DOENCA.pdf. Acesso em: 11 de Abril de 2022.

LIMA, H. J. da C., dos SANTOS, A.. Nível de Burnout em discentes do 10º semestre do curso de psicologia de uma universidade do interior paulista. (2020). Anais do 11º Fórum Científico UNIFUNEC: Educação, Ciência e Tecnologia, 18 a 21 de novembro, Santa Fé do Sul (SP), v.11, n.11. Disponível em: [NÍVEL DE BURNOUT EM DISCENTES DO 10º SEMESTRE DO CURSO DE PSICOLOGIA DE UMA UNIVERSIDADE DO INTERIOR PAULISTA | ANAIS DO FÓRUM DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNIFUNEC](#). Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

MASLACH, C., JACKSON, S. E.. The measurement of experienced Burnout. (1981). *Journal Of Organizational Behavior*, v. 2 i. 2, p. 99-113. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/job.4030020205>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

MATTOS, C. A. C., ABUD, G. M. B., BARBOSA, K. da S., MOREIRA, M. L. R., MANCEBO, C. H. A.. A Síndrome de Burnout entre estudantes universitários: uma investigação multivariada no Bacharelado em Administração de uma instituição federal de ensino superior na região norte do Brasil. (2020). *Revista GUAL*, Florianópolis, v. 13, n.3, p. 141-163. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2020v13n3p141>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

MENEGHETTI, F. K.. O que é um Ensaio-Teórico? (2011). *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 15, m. 2, pp 320-332. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em 03 de Junho de 2022.

MERLO, A. R. C., LAPIS, N. L. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. (2007). *Revista Psicologia & Sociedade*, Recife, n. 19, p. 61-68. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100009>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA. Tabelas - CID-10. (2020). Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/assuntos/previdencia->

[social/saude-e-seguranca-do-trabalhador/dados-de-acidentes-do-trabalho/tabelas-cid-10](#). Acesso em: 15 de Novembro de 2021.

MOURA, G., BRITO, M., PINHO, L., REIS, V., SOUZA, L., MAGALHÃES, T.. Prevalência e fatores associados à Síndrome de Burnout entre universitários: revisão de literatura. (2019). Revista Psicologia, Saúde & Doenças, 20(2), p. 300-318. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15309/19psd200203>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

MULATO, S. C., COSCRATO, G., BUENO, S. M. V., et al. A SEXUALIDADE FEMININA E A SÍNDROME DE BURNOUT (2009). Anais do SIES - Simpósio Internacional de Educação Sexual da UEM. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2009/110.pdf>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2022.

NÁGIME, R. G., ANDRADE, S. S., LOBO, M. N., CAVATTE, L., VIEIRA, I. M. M., CARVALHO, F. O. S., COLOMBO, R. F., LOPES, I. M. A... Prevalência da síndrome de Burnout em estudantes de medicina da universidade Vila Velha (UVV). (2020). Revista Braz. J. Hea. Rev., Curitiba, v.3, n.3, p. 6023-6033. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv3n3-161>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

NIETZSCHE, F.. Humano, Demasiado Humano. (2005) Editora Companhia de Bolso.

POMPEU, G. V. M., BANDIERA, C. L.. QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, SÍNDROME DE BURNOUT E OS IMPACTOS NEGATIVOS DA AUTOMAÇÃO: COMO CONCILIAR CRESCIMENTO ECONÔMICO E DESENVOLVIMENTO HUMANO. (2020). Revista da AJURIS, Porto Alegre, v. 47, n. 149. Disponível em: [QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, SÍNDROME DE BURNOUT E OS IMPACTOS NEGATIVOS DA AUTOMAÇÃO: COMO CONCILIAR CRESCIMENTO ECONÔMICO E DESENVOLVIMENTO HUMANO | Pompeu | Revista da AJURIS](#). Acesso em: 23 de Maio de 2022.

PRADO, M. S. F. M., NORTE, N. M., CARVALHO, I. G. M. de C., de SOUSA, I., F., de ALMEIDA, R., J.. Avaliação da Síndrome de Burnout entre estudantes do último ano de um curso de medicina do Brasil. (2019). Revista Arch. Health. Sci., v. 26(1), p. 41-46. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17696/2318-3691.26.1.2019.1207>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

RIBEIRO, A. de F.. Taylorismo, fordismo e toyotismo. (2015). Revista Lutas Sociais, São Paulo, vol. 19, n. 35, p. 65-79. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/ls.v19i35.26678>. Acesso em: 08 de Novembro de 2021.

RIGOTTI, E. H., FERRARI, M.. Assédio moral no meio militar. (2013). Revista do Curso de Direito da Faculdade da Serra Gaúcha, n. 14, p. 33-56. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180501133713id_/http://ojs.fsg.br/index.php/direito/article/viewFile/1295/1149. Acesso em: 21 de Novembro de 2021.

SABOT, P.. O que é uma sociedade disciplinar? Gênese e atualidade de um conceito, a partir de vigiar e punir. (2017). Revista DoisPontos. Revista dos Departamentos de

Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos, v.14, n.1, p. 15-27. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v14i1.56536>. Acesso em: 08 de Novembro de 2021.

SILVA, I. I. C., MACIEL, J. A. C., de MELO, M. M.. Saúde mental e vida universitária: desvendando Burnout em estudantes de Psicologia. (2021). Revista SUSTINERE, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 5-22. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2021.50314>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

TOMASCHEWSKI-BARLEM, J. G., LUNARDI, V. L., RAMOS, A. M., da SILVEIRA, R. S., BARLEM, E. L. D., ERNANDES, C. M.. Manifestações da síndrome de Burnout entre estudantes de graduação em enfermagem. (2013). Periódico Texto & Contexto - Enfermagem. Florianópolis, 22(3), p. 754-762. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000300023>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

VASCONSELOS, E. M., TRINDADE, C. O., BARBOSA, L. R., MARTINO, M. M. F.. Fatores preditivos da síndrome de Burnout em acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública. (2019). Revista da Escola de Enfermagem da USP. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018044003564>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.